JOSÉ CLÁUDIO DA SILVA

O PACTO MALDITO
E OUTRAS
HISTÓRIAS
DE
MORTE

José Cláudio da Silva
Rua das Margaridas, 143
07750-000 – Cajamar – SP
e-mail: claudiosilvaj@ig.com.br

Silva, José Cláudio da, 1959-
O pacto maldito e outras histórias de morte. José Cláudio da Silva, Cajamar, São Paulo, 2002.

1. Literatura infanto-juvenil. I Título

SUMÁRIO

O PACTO MALDITO

Sexta-feira, um grupo de amigos está num bar conversando e bebendo cerveja. Todos são motoqueiros. O assunto da conversa é a notícia do jornal que dizia que morria pelo menos um motoqueiro por dia no trânsito. Todos têm pelo menos um conhecido que morreu em acidente com moto.

- É o maior mistério se há vida após a morte.
- Ninguém voltou para dizer o que realmente tem do outro lado.
- Eu tenho a maior curiosidade em saber como é do outro lado. Sem morrer, é claro.
- Vamos fazer um pacto?
- Qual?
- Se um de nós morrer, voltará para dizer como é o outro lado – disse Jurandir.

- Você está louco! Quero distância deste assunto.
- Como é, ninguém topa?
- ....
- Nem você, Jorge?
- Não sei.
- Você não tem curiosidade?
- Todo mundo tem.
- Então?
- Não me coloque nisso.
- Eu topo – disse Jorge.
- Que fique só entre os dois.
- Certo.

Longe dali o relógio da igreja marcava meia-noite. Passaram a falar de mulheres e futebol. As horas avançaram e todos voltaram para suas casas.

Mais uma semana de trabalho. Outros encontros no bar e o assunto não voltou mais a ser discutido.

Meses depois, quando estavam no bar, Jorge chegou correndo apavorado.

- Sabem quem morreu num acidente com a moto?
- Quem?
- Jurandir!
- Nossa! Onde foi?
- Em Guarulhos. Ele bateu na traseira de um caminhão.
- Onde está o corpo?
- No velório do Cemitério da Lapa.
- Vamos para lá.
- Vocês se lembram da nossa conversa sobre vida após a morte.
- É mesmo. Vocês combinaram que quem morresse viria dizer ao outro se há algo após a morte. Pura besteira de bêbados.
- Será besteira mesmo?
- Não sei?
- Vamos ao velório nos despedir do amigo.
- Eu não vou.
- Está com medo?
- Não.
- Então vamos.

Pegaram as motos e foram para o velório. Chegando lá, Jorge tremia. Aproximaram-se do caixão. Cumprimentaram a mãe e o pai do Jurandir.

As conversas nos pequenos grupos tinham a morte como assunto. Jorge, branco como um papel,

falou do pacto com o amigo. Um do grupo disse:

- Vá até o caixão. Coloque a mão no pé direito dele e reza um Pai Nosso. Assim ele não voltará.

Jorge caminhou até o caixão. Disfarçando, colocou a mão no pé do morto e rezou. Não um, mas dez.

- Será que dará certo?

- Não.

- Por que? Eu fiz o que você disse!

- Você segurou o pé esquerdo do morto e isto significa que você quer ir com ele. Você rezou para isso. Confirmou o trato e ele não só virá lhe dizer como é, mas também levará você com ele para o outro lado.

Jorge sentiu o mundo girar. Quase desmaiou.

Jurandir foi enterrado. Jorge não compareceu ao enterro. Os amigos não ficaram chateados porque entenderam o medo dele.

Quando saiu do cemitério, Jorge foi até a igreja da Lapa. Passou o dia inteiro rezando e fazendo promessas. A noite chegou e o pegou ainda na igreja. Jorge voltou para casa.

- Jorge, onde você esteve o dia inteiro? Você não foi ao enterro do Jurandir?

Jorge se benzeu.

- Fui, mãe.

- Venha jantar.

- Não estou com fome.

- Você está se sentindo bem?

- Está tudo bem, mãe.

Os irmãos de Jorge chegaram comentado sobre a morte do Jurandir. Pálido, Jorge foi para o quarto. Entrou, acendeu a luz e se deitou. O tic-tac do relógio o deixava nervoso. Tirou as pilhas do relógio para ele parar de trabalhar. Aos poucos a casa foi ficando silenciosa.

Dois meses se passaram. Jorge não se alimentava, não dormia direito. Não saia mais de casa. Abandonou tudo: escola, emprego, amigos. Estava sempre triste. Deitado, prestava atenção em todos os barulhos. Seu coração só batia acelerado. Seus olhos nem piscavam olhando para o teto. Certa noite, acordou no meio de uma enorme escuridão. Gritou. Seus irmãos correram para o quarto com velas na mão.

- O que houve Jorge? Que grito foi esse?

- Por que está tudo escuro?

- Acabou a energia elétrica.

- Eu pensei que eu tinha morrido.

- Besteira!

- Não é besteira!

- Você não morreu. Vamos dormir.

- Quero uma vela. Uma não, quatro.

- Vou buscar para você na cozinha.

Jorge acendeu todas as velas e ficou deitado suando frio e tremendo. O medo era crescente. Estava com as costas virada para a porta, olhava a parede. Sentiu um vento frio que apagou as velas. Uma voz baixa, sombria, fria e triste disse:

- Jooorge! Joooorge! Jooooooooorge!

Jorge ficou paralisado de medo.

- Jooorge, eu voltei para levar você comigo.

Jorge mijou nas calças. Seu pavor era imenso. Tentava gritar e não conseguia. Sentiu que algo frio estava perto dele. Uma força tentava virá-lo para o lado da porta. Sua garganta estava seca e a respiração difícil. Sua mente estava tomada pelo medo. Num grande esforço conseguiu gritar.

- Aaaaaaaaaaaaaaaaaiiii!

Novamente seus irmãos correram até o quarto e encontraram Jorge desmaiado no chão. Reanimaram-no.

- O que aconteceu, meu filho?
- Mãe, Jurandir voltou para me levar.
- Como é que é, meu filho?

Jorge contou-lhe a história.

- Eu não quero morrer, mãe.

Os dois se abraçaram chorando.

O dia amanheceu. Logo mais uma noite chegou. Conforme as horas iam avançando, o coração batia mais rápido. A mãe de Jorge contou para todos da casa o que estava acontecendo. Jorge pediu que seus irmãos dormissem com ele no mesmo quarto. Os três irmãos não queriam. Mas a insistência da mãe e o olhar desesperado de Jorge acabaram convencendo a todos. Armaram as camas no quarto de Jorge e todos se recolheram para dormir. Toda a casa dormia, menos Jorge. Estava novamente de costas para a porta olhando a parede. As luzes do corredor se apagaram e antes que Jorge pudesse esboçar uma reação ele ouviu a mesma voz da noite anterior. Baixa, triste e fria.

- Jooorge! Joooorge! Eu voltei para levar você comigo.

O coração de Jorge, disparado, parecia que ia explodir dentro do peito. Sentia que tentavam fazê-lo se virar para a porta. Sua mente desordenada tentava uma oração. Não conseguia. Sentia seu corpo molhado, frio, trêmulo.

- Jooorge! Não resista. Você já pertence ao outro lado.
- Aaaaaaaaaaaaaaaaaiii!

O grito de Jorge acordou todos da casa. Ele desmaiara e nada o fazia voltar a si. No dia seguinte, ele acordou pálido e viu sua mãe ao seu lado.

- Jorge, meu filho.

Jorge estava magro demais.Algo lhe sugava as energias. Morria aos poucos. Desesperada, sua mãe chamou um médico que nada diagnosticará de errado. Receitou vitaminas e um psiquiatra . Um padre, amigo da família, foi chamado. O padre decidiu levar um grupo de oração para rezar pela alma do Jurandir e pedir para que ele deixasse Jorge em paz. Ele não se alimentava, só ficava olhando para o teto e murmurava sem parar:

- Eu não quero morrer. Eu não quero morrer.

Oito horas da noite, o padre e os fiéis chegaram. Entraram no quarto de Jorge e rezaram durante horas. No final, o padre disse que tudo se resolveria. Alegre, a mãe de Jorge o deixou só.

Jorge olhava para o teto sem piscar. A noite avançava. O vento frio entrou no quarto, fazendo o corpo de Jorge tremer.

- Jooorge, não lute. Venha comigo. Você pediu e rezou muito para isso. Não tem jeito. Vaaaamos agoooooora.

No outro dia, sua mãe o encontrou morto na cama.

A VINGANÇA DA CASA

O bairro da Lapa é tranqüilo. Possui muitas ruas arborizadas onde os moradores caminham tranqüilamente. Numa dessas ruas, sem saída, morava um casal de velhos aposentados. Passavam os dias ocupados com o jardim, os pássaros na gaiola e a costura. Moravam na mesma casa que compraram quando se casaram. Viviam naquela casa há quarenta anos. A casa tem três quartos, sala, cozinha, dois banheiros, um quintal no fundo e um jardim na frente, onde cultivam rosas. Ambos têm sessenta anos. E esperam pacificamente a morte. Desejam que ela os leve juntos para o descanso eterno. Um não saberia viver sem o outro. Ali criaram os dois filhos. Ambos moram no Canadá. Mas esqueceram que têm pais vivos. Apesar do descaso dos filhos, eles são felizes porque um basta ao outro. Começaram as vidas sozinhas e vão terminar sozinhos.

A aposentadoria dos dois não estava dando para comprar os remédios caros que usavam. Resolveram alugar dois quartos. Colocaram uma placa no poste. Logo surgiram candidatos. O casal entrevistava os candidatos querendo saber sobre os hábitos e costumes dos pretendentes. Escolheram dois jovens e acertaram as condições da locação.

A vida seguia seu curso normal, agora só quebrado pela presença dos jovens. Eles não eram de ficar muito em casa. Chegavam tarde e saíam cedo. Diziam que cursavam faculdade: um de direito e, o outro, de engenharia. Mas os velhos nunca os via estudando ou carregando livros. Nem mesmo livros nos quartos havia. No entanto, eles pagavam o aluguel pontualmente e não causavam transtornos.

Os meses batiam na porta e traziam novos dias monótonos e as estações do ano se sucediam. Às vezes, no final do domingo, os jovens ficavam ouvindo as histórias do casal. Faziam algumas perguntas e se recolhiam.

Os jovens notaram que ninguém visitava os velhos. Ninguém telefonava para eles, ninguém escrevia para eles e até mesmo os vizinhos os ignoravam. Os velhos davam a entender que eram sós

no mundo.

A casa era grande e espaçosa. Ficava numa rua tranqüila. Se vendida, renderia um bom dinheiro. Os jovens comentaram isso com os velhos e eles responderam que naquela casa estava a vida dos dois e que ela fazia parte da história deles. Ela sabia todos os segredos, havia presenciado todas as alegrias e tristezas dos dois e que jamais venderiam a casa enquanto fossem vivos, além do que, não precisavam de dinheiro. Depois que partissem, os filhos poderiam fazer o que quisessem com a casa.

Pela primeira vez mencionaram a existência de filhos. Os jovens, interessados, perguntaram mais algumas coisas e logo perceberam que os filhos ignoravam totalmente a existência dos velhos. Os jovens se entreolharam e a sorte dos velhos estava decidida.

Num domingo frio do mês de julho, os jovens entraram no quarto dos velhos. Os dois estavam dormindo. Eram cinco horas da manhã. Com os travesseiros os jovens sufocaram os velhos. Depois desceram até a cozinha, saíram no quintal e abriram duas covas. Carregaram os corpos até as covas e os enterraram.

Aliviados e satisfeitos saíram. Andaram pela cidade. Quando estava anoitecendo, voltaram para casa. Tudo estava como eles haviam deixado. A semana passou e a rotina da casa não foi quebrada. Para a venda da casa precisavam forjar um documento de doação da casa para um deles. Só assim poderiam efetuar o negócio. Procuraram nos documentos pessoais dos velhos e encontraram papéis com as assinaturas deles. Um dos jovens começou a praticar a imitação da assinatura para poder assinar o documento e reconhecer a firma em cartório.

Um mês passou. Tudo estava indo muito bem. No mês seguinte, começaram a acontecer fatos estranhos.

A casa possuía um jardim com roseiras vermelhas, amarelas e brancas. As rosas começaram a desabrochar. No entanto, todas vermelhas, de um vermelho escuro, muito escuro, quase negro. No princípio, eles não notaram a mudança, mas, num domingo, quando um deles estava olhando o jardim, notou que as rosas, antes de cores variadas, agora eram todas vermelhas. Mas de um vermelho muito forte. Os transeuntes se admiravam da cor vermelha daquelas rosas. Alguns jovens enamorados roubavam rosas do jardim, mas elas murchavam imediatamente após serem cortadas.

No fundo da casa, no local onde eles enterraram os velhos, nasceu uma planta. Quando abriu a primeira flor, exalava um perfume forte que invadia todos os cômodos da casa. Era um cheiro doce e enjoativo. Os rapazes cortaram várias vezes a planta, arrancaram pela raiz, mas ela sempre ressurgia, cada vez mais forte. Uma flor fênix. Aquele cheiro os incomodava muito. No entanto, nenhum vizinho viera reclamar do cheiro da flor.

Sete meses se passaram. Os rapazes mal ficavam na casa. Tudo os incomodava. Os jovens já haviam forjado o documento e estavam prontos para efetuarem a venda da casa. Contrataram uma imobiliária e foi colocada uma placa no poste. A placa ficou dois dias afixada e sumiu misteriosamente. A imobiliária colocou outra. Sumiu de novo. Foram várias placas. Todas sumiram. Resolveram escrever na parede o anúncio da venda. No dia seguinte não havia nada escrito. A imobiliária desistiu pensando que os jovens estavam brincando com eles. Os jovens procuraram outra imobiliária e os mesmos fatos se sucederam. Colocaram um anúncio no jornal do bairro. Ninguém respondeu ao anúncio. Verificaram que o endereço e o telefone estavam errados. O funcionário disse que estava no ramo há vinte anos e que nunca havia acontecido um fato desses. Anunciaram de novo. Saiu outro endereço e outro telefone publicado. Resolveram publicar num jornal de grande circulação. O endereço e o telefone saíram publicados errados.

Num domingo frio do mês de julho o telefone tocou às cinco horas da manhã. O jovem atendeu e uma voz, que parecia estar vindo de muito longe, disse que gostaria de comprar aquela casa e que dias depois ligaria para marcarem um encontro. Voltou a dormir.

Acordaram. Um deles foi ao banheiro tomar banho. Fez a barba. Ligou o chuveiro. A água morna

caía mansamente sobre seu corpo. Na cozinha, o outro preparava o café quando ouviu um grito vindo do banheiro. Era um grito horrível. Correu até o banheiro. A porta estava trancada. Nunca trancavam. Bateu e ninguém respondeu. Arrombou a porta. O banheiro estava nublado. Cheio de vapor denso. O jovem estava caído no chão do banheiro com queimaduras pelo corpo todo. Levou-o até a cama e correu até a farmácia mais perto. Comprou pomada para queimaduras.

Quando voltou ele não estava no quarto. Procurou-o pela casa e o encontrou ao lado da árvore que teimava em não morrer. Carregou para dentro de casa e colocou na cama. Passou a pomada por todo o corpo. Mais tarde, ele acordou e contou que estava tomando banho com água morna quando a água começou a cair fervendo sobre o seu corpo. Tentou abrir a porta do box, mas ela não abria. Estava emperrada. A água caía por todos os lados. Tentou fechar o registro. Ele fechava mas a água continuava caindo. Não agüentando mais de dor berrou e desmaiou.

À noite uma febre alta tomou conta de seu corpo. No outro dia amanheceu morto. O jovem carregou o corpo até o quintal e enterrou. Felizmente era ele que sabia assinar os nomes dos velhos. Assim poderia vender a casa por qualquer preço e sumir dali.

Na segunda-feira colocou uma placa na parede e anúncios em todos jornais. Esperou dois, três dias, nada. O telefone não dava sinal de vida. No domingo, às cinco horas da manhã, o telefone tocou. Uma voz fraca disse que desejava comprar a casa. Marcaram para a manhã da terça-feira seguinte. Aliviado, o jovem voltou a dormir. Quando acordou, foi para a cozinha preparar o café. Ao tentar abrir a porta da geladeira não conseguiu. A porta estava emperrada. Forçou, forçou até que conseguiu abrir. Tudo, dentro da geladeira, estava congelado como se ela tivesse se transformada num freezer. As coisas eram blocos de gelo.

Assustado, foi até a sala e ligou a televisão. Estava passando um filme antigo com dois velhos que sorriam para ele. Desligou a televisão, mas ela continuou passando a imagem dos velhos. Arrancou o fio da tomada, a imagem continuou na tela. Jogou a televisão no chão. Foi até a porta da rua e não conseguiu abrir. Estava trancada. Tentou as janelas, estavam trancadas. Era prisioneiro da casa.

Sentou-se no sofá. O coração batia acelerado. Seu corpo tremia e estava banhado de suor. Uma sede enorme invadiu sua garganta. Abriu a torneira, não saiu água. Correu para o banheiro, abriu a torneira, o chuveiro, nada. No outro banheiro também. Desceu, entrou na cozinha. Abriu a despensa para pegar uma cerveja e deparou com vários ratos mortos. Eles haviam comido toda a comida e roído as latas. A mancha de cerveja derramada estava espalhada. Desligou a geladeira para descongelar os alimentos e beber o gelo derretido. Depois de horas tudo continuava congelado na geladeira. Lembrou-se do telefone. Ligaria para a polícia. Mas o telefone estava mudo.

Sete dias. A sede e a fome estavam atormentando sua mente, seu corpo. Deitou-se. Lá fora já estava escuro novamente. Só restava esperar a morte. Alguns dias depois ela apareceu com os dois velhos ao lado dela.

Numa rua tranqüila da Lapa existe uma casa abandonada. Os moradores de rua dizem que ela é assombrada. Ninguém tem coragem de dormir ali.

POR QUE ESTÁ CHORANDO, MEU AMOR?

Rodovia Anhangüera. Meia-noite. O carro avançava, em alta velocidade, comendo a escuridão. Dentro dele um casal. A jovem chorava.

- Não chore, Marta. Eu te amo. Vou me casar com você.
- Mas você é casado.
- Pedirei divórcio.
- Não acredito em você. Estamos nessa vida há três anos. Você só sabe fazer promessas. Não cumpre nenhuma.
- Agora é diferente.
- Por que?
- Você...
- Eu já abortei duas vezes por sua causa. Já tenho meu lugar reservado no inferno.
- Não fale assim.
- Por que não? É a verdade. Você quer que eu aborte mais uma vez?
- ...
- Eu te amo. Mas não posso continuar vivendo assim.
- Vamos entrar num motel para conversarmos.
- Estou bem aqui.
- Não posso conversar e dirigir ao mesmo tempo.
- ...

Entraram num motel. Desceram do carro. Deitaram-se na cama.

- Eu te amo, Marta.
- Não quero nada com você.

- Marta...

- Raul...

- ....

- Por que será que você sempre consegue o que quer de mim?

- Porque fazer amor é bom.

- Mas... e a responsabilidade. Fui eu que sofri os abortos. A dor da perda, o vazio, a depressão. Eu já sinto o fogo do inferno queimando a minha alma.

- Não fale assim.

- Você só sabe dizer isso. Tenho certeza que logo serei trocada por outra mais nova. Estou envelhecendo antes do tempo. Nem parece que tenho vinte e quatro anos. Minha alma é de uma anciã.

- Marta...

- É verdade. Mas tenha certeza de uma coisa. Se você me abandonar eu me mato e voltarei do inferno para infernizar sua vida. Não vou sofrer sozinha.

- Marta, eu te amo. Nunca abandonarei você.

No dia seguinte, Raul a deixou na rodoviária e dirigiu-se para a sua casa. Sua esposa e seus dois filhos o receberão de braços abertos.

Marta saiu da rodoviária e pegou um ônibus. Meia hora depois, desceu e caminhou até a sua casa. Seus pais ainda dormiam. Melhor assim.

Raul entrou em sua casa pensando que precisava arrumar um modo de se livrar de Marta. Já estava cheio dela. Engordara e não tinha mais graça na cama. Como acabar com tudo sem perder nada?

Marta entrou em casa. Sabia que perdera a sua juventude nas mãos de Raul. Amou o homem errado. Entregou seu amor, sua juventude, seu corpo, tudo. O que recebeu em troca? Nada. Sabia que só iria vê-lo novamente dentro de um mês. Até lá teria que fazer outro aborto. O último com certeza. Não se deixará mais enganar pelo Raul. Principalmente com a história de que fazer amor é bom.

Um mês depois estavam no mesmo carro, na mesma rodovia, na mesma hora. Só Raul e Marta não eram os mesmos.

- Marta, espero que você entenda o que vou lhe dizer...

- ...

- Minha esposa esta desconfiada dessas viagens.

- ...

- Precisamos parar de nos encontrar por um tempo.

- Você quer me abandonar?

- Não. Apenas parar de nos ver.

- É a mesma coisa. Você já arrumou outra para me substituir?

- Não. Eu te amo.

- Então fique comigo e com o nosso filho.

- Você não abortou?

- Não. Você nem presta atenção em mim. Nem percebeu.

- Por que você está agindo assim?

- Porque quero.
- Você só complica a situação.
- Que situação?
- A nossa.
- Nós temos alguma situação?
- Marta, seja razoável.
- ...
- Não quero mais ver você.

O carro estava a cento e quarenta quilômetros na Anhangüera. Marta, sem pensar, pulou para cima de Raul. Ele gritou. Marta não saiu. Perdeu a direção e caiu num barranco. Capotou várias vezes. Raul nada sofreu. Teve muita sorte. Soltou o cinto de segurança e saiu do carro. Mesmo na escuridão, viu o corpo de Marta. Ela estava morta. Arrastou o corpo para longe. Pegou uma pá de jardim que estava no porta-malas e cavou um buraco. Jogou o corpo de Marta nele e enterrou. Eram duas horas. Voltou para o carro. Subiu até a rodovia e pediu socorro. Um carro parou. Pelo telefone celular, o motorista chamou a polícia rodoviária. Raul disse que estava sozinho. Foi levado para o hospital e seu carro rebocado.

Um mês depois, a vida voltou ao normal para Raul. Marta era apenas uma lembrança remota. Todos pensavam que ela fugira da cidade porque estava grávida. Ninguém sabia dos dois.

Raul tem dois filhos. O menino sete e a menina cinco anos. Ele é louco pelos dois. Num domingo a tarde a menina se queixou de dor de cabeça. Raul telefonou para o pediatra e marcou uma consulta para o dia seguinte. Foi até a farmácia e comprou o remédio receitado pelo médico. Meia-noite, a menina estava ardendo em febre. Parecia que ia pegar fogo. Raul a levou para o hospital. Os médicos tentaram de tudo para fazer a febre baixar e não conseguiram. Colocaram a menina na UTI. Raul estava desesperado. Saiu do hospital e caminhou até uma praça em frente. Sentou-se no banco. Colocou as mãos no rosto e chorou. Uma voz...

- Por que está chorando, meu amor?

Assustado, Raul levantou a cabeça e viu um vulto branco se afastando. Pensou que era uma enfermeira. Afinal, todas usam roupa branca. Mas ele conhecia aquela voz. Seu coração desabou num abismo profundo e frio... Marta.

Levantou e entrou no hospital. Subiu as escadas vagarosamente. O mau pressentimento enchia seu coração. Quando entrou no corredor viu sua esposa gritando e sendo amparada por duas enfermeiras. Eram duas horas. Sua filha falecera. Raul olhou para a outra ponta do corredor e viu um vulto branco se afastando e dentro de sua cabeça ouviu.

- Por que está chorando, meu amor?

Raul abraçou sua esposa e a levou para casa. No dia seguinte cumpriu a mais dolorosa tarefa de sua vida. Enterrou sua amada filha. No cemitério viu o vulto branco. Fechou os olhos.

A esposa de Raul, depois de três meses chorando sem parar, foi internada num sanatório. A dor da perda da filha causou-lhe distúrbios psicológicos graves. Passava o dia inteiro chamando pela filha.

Raul viu a sua vida se tornar um inferno. Ele se lembrou das palavras de Marta. *"tenha certeza de uma coisa. Se você me abandonar eu me mato. Volto do inferno para infernizar sua vida. Não vou sofrer sozinha."* Será possível? Não pode ser. É mera coincidência. Marta morreu.

Raul mudou de casa. Uma idéia atormentava seus dias e noites. Se não foi coincidência, Marta voltará para continuar sua vingança. O que fazer para evitar? Não sabia. Só restava esperar e rezar, sem fé.

Domingo. Noite. Raul estava na sala assistindo televisão. No quarto, Felipe, seu filho, jogava vídeogame. A empregada estava assistindo televisão no quarto dela. Sua filha morreu e sua vida perdera o sentido. Vivia como um vegetal. Comia, bebia, trabalhava, dormia. Não tinha mais prazer em nada. Nem pensava em nada que lhe desse prazer. Vida seca, vazia, opaca, triste. Fingia que estava alegre quando seu filho estava por perto. Sempre que o via, seu coração se apertava e desabava no abismo da mesma forma que no dia em que sua filha morrera. Como Deus permitia uma coisa dessa? Era janeiro. A noite de verão estava quente. Mas a casa estava fria. Assim como seu coração e sua alma. Assistia televisão quando sentiu um calafrio. Olhou para a porta e viu um vulto branco. Piscou e não viu mais. A energia acabara. Tudo ficou imerso na escuridão. Atropelando os móveis, Raul correu para o quarto de seu filho. Entrou. Silêncio e frio e escuridão. Gritou seu nome. Nenhuma resposta. Correu para a cozinha se machucando nas coisas. Procurou desesperadamente fósforo e vela. Acendeu e correu para o quarto. Na porta encontrou a empregada com uma vela na mão e os olhos arregalados. Olhou para onde ela estava olhando e viu uma sombra tão negra que se arrepiou todo. A sombra se destacava na escuridão do quarto. Felipe estava aos pés da sombra, desacordado. Raul gritou e correu até seu filho. Ele estava branco e frio.

A voz de Marta invadiu seu ser.

- Por que está chorando, meu amor?

. - Nãooooooo!!!!!!!!!!!!

Abraçou seu filho morto.

O PLANO MACABRO

Os alunos do Colégio Lapa estavam sentados nas mesas da lanchonete em frente à escola. Bebiam sucos e refrigerantes. Fumavam. As conversas eram cheias de palavrões e gritos. Alguns estavam sentados na calçada conversando com os fones do walkman nos dois ouvidos. Outros olhavam revistas. Mais afastados, outros, com cadernos abertos, copiavam lição, versos ou desenhavam. Casais trocavam beijos.

Numa das mesas da lanchonete, cinco colegas de classe do terceiro ano conversavam. Estavam revoltados, furiosos, enfurecidos. Mas conversavam baixo. Seus olhos estavam vermelhos, demonstrando que choraram muito. Foram reprovados na escola. Terão que cursar novamente o

terceiro ano.

A conversa deles tinha como objetivo planejar a vingança contra a professora que, na opinião deles, liderou a reprovação. Como se a reprovação se devesse unicamente pela vontade de uma professora e não pela vontade deles mesmos.

Queriam algo que não lhes trouxessem problemas com a polícia. Algo que caísse fundo no espírito da professora e ela nunca mais lecionasse na vida. Precisaria ser algo extraordinariamente maléfico para o ânimo da professora. E que só ela pudesse sentir, em toda a profundidade, a angústia de viver com um medo permanente na alma.

As idéias eram muitas: cortar as orelhas do filho. Ela não tinha filhos. Arrumar uma amante para o marido. Ela não era casada e não tinha namorado. Muitas idéias estapafúrdias saíram das cabeças privilegiadas. Até que um perguntou:

- Qual é o maior medo do homem?

- Impotência.

- Não. Ela é mulher. O medo de qualquer pessoa?

- A morte.

- É.

- Precisamos pensar em algo que a faça ficar aterrorizada. Mas tem ser algo psicológico, não físico. Onde mora a morte?

- No cemitério.

- Devemos fazer algo que a faça sentir o medo e que ele entre na vida da professora e viva com ela para sempre.

- Que tal desenterrarmos uma cova recente e colocarmos o caixão com o defunto dentro da casa dela?

- E deixaremos um cartão desejando uma feliz morte.

- Ótima idéia!

- Todos concordam?

- Sim.

- Vamos começar hoje mesmo. Às onze horas nós nos encontraremos aqui e iremos ao Cemitério da Lapa roubar uma sepultura. Depois colocaremos dentro da casa da professora com o cartão.

- Você sabe onde ela mora?

- Vamos olhar no catálogo telefônico.

Combinaram os detalhes do plano.

Onze e trinta da noite. Chovia. Os cincos estavam dentro do Cemitério da Lapa. Uma lanterna iluminava o caminho. Procuravam um túmulo recém aberto. Todos sentiam medo, mas ninguém dava o braço a torcer. Ouviram o pio de uma coruja. Arrepiaram-se e tremeram. Em suas mentes estavam arrependidos. Já não queriam mais se vingar. Foi o calor da hora e da notícia da reprovação. Eles foram avisados o ano inteiro de que se não estudassem seriamente seriam reprovados. Não acreditaram. A culpa era deles. Agora estavam ali no frio, sob uma chuva, num cemitério, quase meia-noite. Outro pio de coruja. Dessa vez mais perto. Instintivamente se aproximam uns dos outros. A lanterna iluminava pouco. A chuva estava espessa. A umidade da chuva envolvia a todos e enchia os tênis de barro e água.

- Ali tem uma.

- Onde?
- Ali. Naquele canto perto do muro.

Pegaram a coroa de flores e jogaram para o lado. As pás começaram a cavar. A terra molhada dificultava o trabalho. Chegaram ao caixão. Retiraram da cova. Resolveram cortar caminho pelos fundos do cemitério. Caminharam segurando as alças do caixão. O barro deixava os tênis pesados. Caminhavam lentamente em meio à escuridão e a chuva forte. Não viram que havia um buraco com um plástico preto tampando a sua boca. O buraco fora feito para canalizar as águas das chuvas. Mas as obras foram interrompidas. Toda a terra retirada estava na borda do buraco. Uma montanha de terra.

O primeiro se desequilibrou soltou a alça e se segurou no segundo, que se segurou no terceiro, que se segurou no quarto, que se segurou no quinto e todos caíram dentro do buraco. O caixão se abriu na queda e o corpo de uma mulher jovem rolou para fora do caixão. Desesperados, no escuro, tentavam escalar as paredes, mas não conseguiam. Várias tentativas. Nada. Ouviram, num relógio distante, as badaladas da meia-noite. A chuva caía mais forte. Se encorpava e caía torrencialmente, forte, furiosa, carregando tudo o que encontrava pela frente. Vários bairros foram alagados. Ensopados e enlameados gritavam por socorro. A montanha de terra que estava na borda do buraco começou a deslizar para dentro dele. De repente, a terra toda desabou sobre eles. Todos morreram soterrados.

O ACAMPAMENTO FATAL

Lia no escritório. De repente, fez silêncio. Televisão, rádio, vídeogame, computador, violão, guitarra...Tirou os olhos do livro. Sentiu um arrepio na espinha. Vagarosamente olhou para a porta. Viu a tempestade, o ciclone, o tufão se aproximando. Seus dez sobrinhos e os dois filhos, todos adolescentes, olhavam-no silenciosamente. Incomodado, sorriu amarelo, verde e roxo.

- O que vocês estão fazendo aqui? Onde estão as mães de vocês?
- Nossas mães nos mandaram ficar aqui – disse Marina.
- Como!!??
- É, tio. Elas saíram juntas. Foram a um tal de Clube das Mulheres - disse Bruna.
- Não acredito!!!
- É verdade, tio – disse Giovani.

- Mas aqui não cabem vocês todos! Por que vocês não vão passear no shopping?
- Não estamos com vontade – disse Maryana.
- O que vocês querem fazer?
- Não sabemos ainda – disse Daniel.

Nuvens escuras cobriam o céu do escritório. Nuvens pesadas e gordas. O estrago seria grande. Precisava se livrar deles.

- Peguem livros e leiam.

Todos riram diante de uma proposta tão indecente.

- Tio...
- Sim.

As nuvens já cobriam todo o céu do escritório. A escuridão tomava conta de tudo.

- Nós queremos...
- Não!!
- Mas eu não disse.
- Não precisa dizer. A resposta é não.

As primeiras gotas grossas começaram a cair.

- Nos queremos acampar – disse Lucas.

A chuva caiu furiosa gerando ondas gigantescas em mares nunca dantes navegados.

- Vocês estão loucos!!!!???
- Por que?
- Eu não vou acampar com doze adolescentes encrenq... espertos.
- Por que não, se somos espertos?
- Não estou cansado de viver.

Um vento forte levantou as folhas de papel que estavam sobre a mesa. As árvores se curvaram em respeito ao vento que zunia dentro do escritório. A escuridão, o ar pesado dificultava o raciocínio.

- Mas...

A água inundou todo o escritório:

- O senhor prometeu – disse Daniel.
- Eu!!??
- Sim.
- Quando eu fiz essa loucura?
- No aniversário do André.
- Eu devia estar bêbado. Não devemos dar importância às palavras de um bêbado.
- O senhor não bebe – disse Juliana.
- Comecei naquele dia e já falei besteira. Sigam meu exemplo. Não bebam.
- O senhor prometeu para todos nós. Agora não quer cumprir – disse Mayra.
- Marquem o mês que eu marco o ano.

- Nós queremos ir já – disse André.

Janeiro chove muito. Não vai dar certo.

- É o nosso mês das férias – disse Maurício.

- Férias. Queremos aventura.

- Ler é uma aventura...

- Falsa.

- Está certo... nós vamos.

A tempestade acalmou. Os ventos pararam de soprar. Uma calmaria invadiu o escritório. Sobrou o vazio. Sonhara? Não. O pesadelo estava apenas começando.

- Quando partiremos? – perguntou Vinícius.

- Depois de amanhã estejam todos aqui.

O fatídico dia chegou. Na manhã seguinte, embarcaram num carro alugado que os deixou na reserva da Juréia, em Peruíbe. Depois de sete dias voltaria para buscá-los. Entraram na mata. Caminharam durante horas. Escolheram o lugar para armar as barracas. Ali perto havia a entrada de uma caverna. Mas tarde iriam explorá-la. Final da tarde. O sol sumiu atrás de nuvens pretas. Uma tempestade desabou sobre todos. Pegaram algumas coisas e correram para a caverna. Quando todos entraram, um deslizamento de terra fechou a entrada. Toneladas de terra desceram.

OS CÃES ASSASSINOS

João era caixa num banco. Tinha uma vida pacata. Era solteiro e morava na Lapa de Baixo com os pais e duas irmãs. Família muito religiosa, freqüentavam a igreja da Lapa todos os domingos. Não perdiam uma missa.

Era quase meia-noite. Maria caminhava preocupada. Não devia estar na rua naquela hora. Muito perigoso. Apertava mais o passo. Estava quase correndo. Parecia que sua casa nunca chegava. Sentia um medo muito grande. Precisava passar por um pedaço da rua que possuía um grande terreno baldio e era escura. Devia ter dado ouvidos a Sônia e ter dormido na casa dela. Mas a preocupação com a sua mãe, sozinha esperando-a, fora maior. Decidiu que comprará um telefone para evitar esse tipo de problema. Bastaria ligar e pronto. Amanhã mesmo verá isso. Agora é fácil ter telefone ou celular. Melhor telefone. Continuava caminhando, rezando. A parte escura do caminho estava chegando. O relógio da igreja da Lapa soou meia-noite. Quando estava na metade do caminho sentiu uma mão por trás que tampou-lhe a boca e a arrastou para o meio do mato. Ela lutou, mas a mão era forte. Foi jogada no chão. Implorou para que ele não fizesse nada. Ele a mandou calar a boca. A lua, que até então estava encoberta por nuvens, surgiu. Redonda, grande, iluminou o rosto do homem. Maria olhou bem para ele. Implorou, pediu, chorou. Ele mandou calar a boca. Enquanto ele fez o que quis Maria olhou bem para ele. Quando acabou ele disse:

- Você olhou muito para mim.

Ele sentiu o olhar mudo de Maria. Um olhar cheio de ódio. Ela disse numa voz rouca:

- Eu vou me vingar de você. Mesmo se você me matar eu voltarei e me vingarei de você.

Ele riu e disse:

- Você não é a primeira que eu mato. Colocou as mãos no pescoço dela.

No outro dia, uns moleques encontraram o corpo e chamaram a polícia.

João, como todos os dias, chegou em casa às seis horas. Entrou, tomou banho, jantou e se recolheu em seu quarto. Trancou a porta. Os pais e as irmãs ficaram na sala assistindo televisão. No dia seguinte, saiu de casa e viu, do outro do lado da rua, um cachorro enorme preto. Não se incomodou. Não gostava de cachorros. Trabalhou normalmente. Quando chegou em casa, viu o cachorro novamente. Todos os dias o cachorro estava ali, acompanhando quando ele saía e esperando a sua chegada. A presença ostensiva do cachorro incomodava João.

Um mês depois, eram dois cachorros. Depois três e depois quatro. Eram todos negros e grandes. Olhavam para ele. Não o seguiam na rua. Quando João, de sua janela, olhava para a rua, os cachorros estavam olhando para ele. Resolveu que no dia seguinte chamaria a carrocinha para recolher os cachorros.

A carrocinha levou os cachorros. Eles não esboçaram nenhuma reação. Na manhã seguinte eles estavam lá de novo, olhando para João que os olhava da janela.

Segunda-feira. Onze horas da noite. João olhou a rua de sua janela. Os cachorros não estavam lá fora. Sem fazer barulho, saiu de casa. Caminhou olhando para trás. Não viu ninguém. Muito menos os cachorros. Entrou no mato. Sentou sobre uma pedra e esperou. Logo surgiu uma moça caminhando apressada. Ele levantou-se e a atacou. Quando a estava arrastando para o meio da mata sentiu uma fisgada na batata da perna e gritou de dor. Soltou a moça. Ela correu. Ele olhou para baixo e viu o enorme cachorro preto preso em sua perna. Apareceu outro que lhe mordeu a outra perna. João caiu. Apareceram os outros dois. Os cachorros o arrastaram para a mata. João gritava de dor. As nuvens andaram e a lua cheia apareceu no céu. Quando pararam de arrastá-lo, um dos

cachorros subiu em cima dele e olhou nos olhos dele. João viu o olhar do cachorro sob a luz do luar:

- Eu não disse que ia voltar e me vingar. Voltei e trouxe as suas outras vítimas.

João compreendeu. Fechou os olhos. Os cachorros estraçalham o corpo de João. Comeram sua carne a noite inteira. Cavaram um buraco e enterraram os ossos.

A COMIDA ESTÁ BOA, MEU BEM?

Catarina e o bebê morreram no parto. Desconsolado, Josué passou dois meses chorando a morte da esposa. O que mais sentia era que Catarina era uma boa mulher na cama e uma ótima cozinheira. Nunca repetia um prato. Sabendo que sua outra filha de dois anos precisava de uma mãe, e ele de uma mulher, resolveu se casar novamente. Casou-se com Márcia, uma vizinha solteirona, que era muito amiga de sua finada esposa.

Ao contrário de Catarina, Márcia era ruim de cama e péssima na cozinha. Maldita hora em que a escolheu para se casar. Sabia fazer apenas arroz, feijão, ovo, carne e macarrão. Todo dia era a mesma coisa. Nunca mudava. Arroz, feijão mais ovo. Carne, macarrão mais ovo. Dois mais um, dois mais um, dois mais um. Já estava enjoado. Na primeira briga disse que ela era ruim de cama e péssima cozinheira. Márcia não disse nada. Apenas o olhou.

Logo Josué arrumou uma amante. Chegava em casa tarde. Quase não via sua filha. Nem se preocupava com ela. Achava que Márcia cuidava bem dela. Pelo menos isso.

Nos finais de semana ficava no bar. Ali almoçava e jantava. Dormia sem tomar banho. A barba estava sempre cerrada. Seu perfume era pinga e cerveja.

Quando chegava em casa bêbado, brigava com a mulher. Humilhava-a de todas as formas. Sempre frisava pejorativamente a atuação dela na cama e na cozinha. Ele não percebia o ódio que crescia dentro dela. Principalmente quando ele falava da finada.

Márcia decidiu que se vingaria. Ela tinha uma vida sossegada, de solteira. Nunca se preocupou com homem. Casou com ele porque pensou que ele era uma boa pessoa. Mas ele só sabia infernizar a vida dela. Começou a fazer um curso de culinária. Mas não tinha jeito. Tudo desandava. Mas precisava insistir para poder por seu plano de vingança em prática.

Numa noite em que Josué estava sóbrio, Márcia lhe disse que precisava visitar sua mãe em Pernambuco. Ela estava muito doente. Ela sabia que ia morrer e chamara todos os filhos para se despedir. Disse que levaria Jaqueline para casa da mãe dele em Sorocaba e que ela ficaria por lá enquanto estivesse em Pernambuco. Josué concordou rapidamente porque não tolerava mais a mulher.

No dia seguinte, quando chegou em casa, a mesa da sala estava posta. Josué estava com fome, mas sentiu ânsia de vômito quando pensou na comida que a mulher sempre preparava. No entanto, sentiu um cheiro gostoso vindo da cozinha. Entrou na cozinha e Márcia disse:

- Meu amor, aprendi a fazer um pratos especiais no curso. Fiz para você. Sei que vai gostar. Amanhã viajo para Pernambuco e quero que esta seja uma noite agradável.

- O que você fez? Parece delicioso.
- Sente-se na mesa e espere. Já vou servir.

Faminto, Josué sentou-se. Márcia entrou trazendo duas panelas. Quando ele tirou a tampa, sentiu um cheiro delicioso. Era carne. Mas o sabor era totalmente desconhecido para ele.

- A comida está boa, meu bem?
- Deliciosa.

Josué repetiu várias vezes. Márcia disse que tinha mais da mesma carne na geladeira e no freezer.

Amanhã ele poderia comer mais.

No outro dia, bem cedo, Márcia partiu.

Josué levantou-se e foi trabalhar. Passou o dia inteiro pensando na deliciosa comida. Não via a hora de chegar em casa e comer mais.

Aproveitando a ausência da esposa, convidou a amante para jantar com ele e passar a noite. Os dois chegaram. Francisca, a amante, foi até a cozinha preparar a comida. Francisca abriu a geladeira e gritou. Josué correu para a cozinha e viu Francisca desmaiada no chão. Ela voltou a si e, balbuciando e tremendo, pediu para ele olhar a geladeira. Josué se levantou e foi até a cozinha. Abriu a geladeira e viu pedaços de um corpo humano espalhados dentro dela. Quando abriu o freezer viu a cabeça de sua filha.

EROS E TÂNATOS

Fernanda tinha quarenta anos. Solteira, morava sozinha num casarão. Era faxineira numa empresa há 22 anos. Feia, gorda, baixinha e pobre. Atributos que a sociedade na perdoa. A natureza foi uma madrasta perversa. Residia perto da empresa e fazia o percurso a pé. A sua vida amarga seguia sem alteração até que um dia abriram um bar numa das esquinas da sua caminhada. Nesse dia, o seu martírio começou.

Todas as tardes, quando voltava da empresa e passava em frente ao bar, cinco homens, que bebiam numa mesa, lhe dirigiam palavras que a magoavam muito. Sempre sofreu muito com discriminação e o preconceito. Seu ódio pela humanidade crescia e tomava conta de todo o seu ser. Qualquer hora que ela passava, eles estavam sentados bebendo e as palavras eram cada vez piores.

Diariamente, os homens infernizavam sua vida. Se mudava de rua, no dia seguinte eles estavam naquela rua, num bar, humilhando-a com palavras e gestos. O ódio de Fernanda crescia mais e mais.

Num domingo saiu de casa, fato raro, e pegou um ônibus para o Parque Anhangüera. Não sabia porque estava ali. Seguia sua intuição de mulher. Uma voz lhe dizia que ela devia estar ali. Andando pelas alamedas, encontrou um homem que lhe disse:

- Venha comigo que eu lhe direi como se vingar daqueles homens que a infernizam.
- Como você sabe?
- Eu conheço o ódio de todo mundo. Quero ajudá-la.
- Quem é você?
- Quer se vingar deles?
- Quero.
- Então não importa quem sou eu.
- O que lhe darei em troca?
- Nada. Basta o ódio que você alimenta dentro de sua alma. Aceita?
- Aceito.

O homem lhe disse o que devia fazer.

Na segunda-feira, um homem se apresentou para Fernanda como pedreiro. Ela o contratou e ele reformou, durante treze dias, dois quartos de sua casa. Quando terminou a obra, o pedreiro desapareceu.

Seguindo a orientação do homem, Fernanda dormiu nua durante treze noites no primeiro quarto. Teve sonhos, em que participava de orgias, todas as noites. No décimo quarto dia acordou se sentindo diferente. Olhou no espelho e viu que continuava a mesma. Saiu para trabalhar.

Quando voltava para casa, passou em frente ao bar, e lá estavam os homens. Só que dessa vez ela

ouviu assobios e elogios. Espantou-se. Chegou em casa e olhou-se no espelho. Continuava feia. Foi assim durante treze dias. No décimo quarto dia, uma sexta-feira treze, ela os convidou para jantarem em sua casa. Eles aceitaram. Ela marcou o encontro para as dez horas e seu olhar prometia muito.

Os homens continuaram no bar. Bebiam e discutiam o que iam fazer com a bela mulher. As horas não passavam. Finalmente o relógio marcou dez horas e eles se levantaram para viver uma noite inesquecível.

A mulher, belíssima, os recebeu. Eles entraram. Havia uma mesa com muita bebida e comida. Beberam, comeram, brindaram, brincaram. Quando deu meia-noite, a mulher os levou para o primeiro quarto. Era um quarto cheio de tapetes, uma cama gigantesca. Ela fechou a porta e o quarto ficou na penumbra. Outra porta se abriu e quatro mulheres belíssimas e nuas entraram. Elas dançavam. Os cinco casais se amaram a noite inteira até a exaustão.

Os cinco homens acordaram. Olharam ao redor e perceberam que estavam presos num pequeno quarto, sem portas e janelas. O teto e as paredes estavam forradas com fotos da Fernanda.

Naquela hora, Fernanda estava saindo para trabalhar.

A MORTE MORA EM MINHA ALMA

São cinco horas da manhã. O relógio a acordou gritando. Seu barulho estridente encheu o quarto vazio. A mão de Vera se esticou e o desligou. Olhou pela janela. Ainda estava escuro. Mais uma segunda-feira gelada de inverno a esperava lá fora. O sol há muito tempo fora embora de sua vida. É Perséfone vivendo eternamente no Hades. Sem direito a conhecer a terra fértil e transformar a aridez de sua alma invernal numa primavera ensolarada. Os ciclos da natureza esqueceram-se dela.

Levantou-se. Preparou-se e saiu. Vera caminhava lentamente pela rua esburacada. Seus pensamentos caminhavam a sua frente. Desbravavam a escuridão de dentro e a de fora. Viam os fantasmas perdidos na noite de chumbo que teimavam em não quererem ir embora. Sozinhas, lágrimas escorriam queimando o seu rosto marcado por tantos sofrimentos, por tantas noites e dias solitariamente vividos. Sabe que cada um carrega dentro de si dores, infelicidades, problemas, amarguras, sonhos, desejos, alegrias. Todos. Ninguém estava a salvo. Bastava estar vivo ou tentando sobreviver para que os fatos tristes caiam sobre nós. Atravessou a rua. Já via a estação do trem. Sentiu o cansaço costumeiro tomar conta de sua alma. Não se importava. Nada podia fazer.

Dizem que o tempo cura as feridas do coração, da alma, do corpo. Enquanto ele age, as emoções se tornam opacas. No entanto, quando a dor da perda de si mesmo toma conta de todo o ser, o tempo pára e a vida se torna o vazio dentro do nada e do vácuo. A jibóia das nossas emoções se enrola em nosso coração e aperta até fazer você chorar desconsoladamente. É um choro interno, dolorido, silencioso. Choro da alma, do coração partido em mil pedaços. Passamos a mendigar carinho, atenção, olhares. Necessitamos da companhia de pessoas que nos ouçam com o coração e digam coisas para o nosso coração, não para a razão, ou se calem em respeito à dor. Queremos nos cercar de pessoas que adivinhem nossas dores, nossos sentimentos desencontrados. Porém, a viagem através da dor sempre é solitária. E as estações são sofridas e marcantes. Dentro da nossa solidão, temos que enfrentar os espinhos e ferir as mãos do desejo se quisermos escapar do labirinto cheio de caminhos com pesares. A vida fica paralisada e hesitamos diante de novos caminhos, novas pessoas e novos amores. O medo de errar e sofrer mais ainda toma conta da razão.

Às vezes, o coração deseja se libertar da dor e não teme arriscar. Ele quer compartilhar a única coisa pela qual vale a pena viver de verdade: o Amor. Mas as pessoas são agiotas. Dão pouco ou quase nada e querem receber de volta com altíssimos juros. Usam as palavras como moedas de troca valorizadas e desvalorizam os pequenos gestos de carinho. A idéia geral é a de que devemos ser o que não somos para conquistar o que desejamos para depois destruir as emoções, bem devagar, menosprezando, esquecendo o que disse ou negando, através das ações.

Os dias, com esse sentimento preso na alma, passam lentos, como os trens quando esperam um pelo outro no mesmo trilho. No entanto, a rapidez das horas vazias nos aproxima da morte. A insensatez toma conta dos minutos e se assenhora das horas. A fraqueza cede lugar à robustez da hora final.

Os sonhos dormiam sob as escadas das estações aguardando a sua vez de viajarem para bem longe. Nos jardins em frente às estações, jardineiros arrancavam avencas, lírios, rosas, dálias e plantavam ervas daninhas. A alma cansada se refugia silenciosa e cabisbaixa na caverna do esquecimento. A desvalorização dos sentimentos e das emoções se completa.

A vida será muito melhor aproveitada quando as pessoas se conscientizarem que, diante da fragilidade, das ilusões e das frustrações, existe algo que nos liberta, que nos faz viver plenamente todos os dias. Aprendemos com ele a valorizar o que tem valor e a menosprezar as coisas fúteis que só desbaratam a nossa existência. É o Amor que nos liberta das amarras, das prisões que a sociedade nos encarcera. Ela nos faz conhecer apenas um amor sensual, egoísta. Amar é fazer para o outro o que queremos que façam para nós, mas sem esperar a reciprocidade. Quando amamos deixamos de ser o que somos para sermos o complemento do outro, na tentativa desesperada de abrandar a dor da nossa solidão de seres vagando pela existência. A dor do conhecimento de que seremos poeira esquecida no tempo é resgatada pelo Amor que nos faz perpetuar no outro o nosso ser. No âmago do amor cessaremos de morrer e alcançaremos a eternidade dentro do outro ser. O amor nos reconcilia com a vida e com a nossa fragilidade perante o tempo e a morte.

- Psiu.

Vera não olhou.

- Psiu.

Vera virou a cabeça, irritada com a insistência.

- Chegamos no final.

Vera pensou em responder rispidamente. Mas um par de olhos verdes (esperança?) sorridentes mergulhou em seus olhos. Vera se levantou.

- Você deixou cair o seu livro.

O rapaz estendeu um livro. Vera pegou sem pensar e saiu do trem. O rapaz, com uma enorme mala esquisita nas costas, também. Ela caminhou na frente e ele logo atrás. Saíram da estação. Ela olhou para trás e viu quando ele entrou no teatro Sala São Paulo. Devia ser um músico. Lembrou-se então que não carregava nenhum livro. Há muito tempo não lia. Olhou a capa e o título “SONETOS”. Abriu a primeira página e leu uma dedicatória: Para a moça com olhar mais triste do mundo. Guardou o livro na bolsa.

Trabalhava num escritório de advocacia especializado em divórcio (desamor). O doutor Jorge a viu chegar e saiu da sala. No escritório trabalhavam cinco advogados. Quatro com mais de sessenta anos. O quinto era jovem e ambicioso, doutor Mário. No princípio ele a tratava formalmente, como os outros. Até que começaram a aparecer, sobre sua mesa, flores, bombons, cartões. Olhares demorados e sorrisos. Aproximava-se mais para falar. Elogiava a correção das petições. Doutor Mário, sempre bem vestido, perfumado, falante, gentil, brincalhão na medida certa. Não temia parecer ridículo falando coisas para o coração. Um cavalheiro. Um homem perfeito. Certa dia, convidou-a para almoçar, depois para jantar. Falava muito, falava bem. Sabia ouvir e parecia entender o que ela dizia. Elogiava-a de forma sutil e elegante. Ele era encantador, charmoso. O que poderia estar querendo com uma secretária pobre da periferia de São Paulo? Ele dizia que também nascera na periferia e que com muita luta concluíra os estudos. Sabia que ela iria longe também. Tanto falou, tanto fez que acabou convencendo-a a irem a um motel. Grande decepção. Ele assustou-se com a sua desenvoltura sexual. Falhou. No final, acabou culpando-a pelo lastimável desempenho. Não a ouvia. Repeliu suas tentativas de carinho. Tornou-se grosso, falou

palavrões. O doutor Jekyl tornou-se o senhor Hyde. O verniz desbotou e apareceu a madeira bruta. No dia seguinte, doutor Mário era outro homem. Totalmente frio e insensível. Caíra a máscara. Decepção total. Esqueceu que o sexo é importante, mas não é tudo. Além do sexo, existe o mistério dos pensamentos e sentimentos do outro ser, a paz que sua simples presença proporciona, o gosto de saber ouvir, o olhar, o tom de voz. Ninguém ama só aparência. Fazer sexo e fazer amor são coisas diferentes: o primeiro, com o tempo acaba, o segundo, dura para sempre. Um é atração física o outro é amor. Provou ser um homem perfeito...cafajeste. Fingia ser o que não era. No fundo apenas mais um Don Juan. Agora ela era, para ele, a mulher invisível. Mal lhe dirigia uma palavra.

Mais um dia acabou. Chegou em casa. Foi para seu quarto. Trocou a roupa. Entrou no banheiro. Tomou banho. Saiu. Sentou-se na mesa. Jantou. Pegou o livro na bolsa e sentou-se no sofá. Abriu a esmo e leu.

Chorou silenciosamente. Não leu mais. As lágrimas embotavam a visão. Guardou o livro. Preparou-se para deitar e dormir.

No dia seguinte. Mais um dia igual. O alto falante do trem tocava uma música do Legião Urbana: “Monte Castelo”.

- Psiu. Você deixou cair o livro.

Vera abriu os olhos e um mar moreno de ondas verdes invadiu seu ser. Ela sorriu e decidiu fazer o jogo do rapaz. Pegou o livro e agradeceu.

Ele desceu na frente com o seu instrumento nas costas. Ela o acompanhou com o olhar. Ele entrou no teatro. Quando chegou no escritório olhou a capa do livro que ele lhe dera: “Poemas de Fernando Pessoa”. Guardou na bolsa.

O dia passou. O início da noite a encontrou sentada na estação Júlio Prestes. Comprara um jornal. Decidira que assistiria naquela noite, na Sala São Paulo, o programa indicado no jornal:

PIOTR I TCHAIKOVSKI

O Lago dos Cisnes

Sinfonia No. 5 em mi menor, Op. 64

Quem sabe encontraria o jovem músico na orquestra. Pegou o livro do Fernando Pessoa e começou a ler.

Entrou no teatro. Sentou-se. Continuou a leitura dos poemas. Os músicos começaram a entrar. Seu coração, disparado, aguardava. Ela o viu e seu coração sorriu. Colocou a mala no chão e abriu. Tirou o instrumento. Estava desfeito o mistério: ele tocava saxofone. O concerto começou. Vera sentiu-se transportada para outro mundo. Sua alma extasiada perdeu-se nos meandros das notas musicais que invadiam todos os poros de seu corpo. Ela percebeu que ele a viu na platéia. Teve a impressão de que ele acenou para ela. Um rapaz atrás dela também acenava para ele.

Saiu do teatro flutuando. Pegou o trem e quase passou da estação de Barueri, tal era o seu enlevo.

Passou o sábado e o domingo lendo Fernando Pessoa, o Livro de Sonetos e retomou antigas leituras.

Segunda-feira. Fria. Uma chuva fina castigava as pessoas nas ruas. O saxofone não apareceu. Na terça, na quarta, na quinta, também não. Só frio e muita chuva. Na sexta-feira,

desanimada, ouviu a voz:

- Psiu, você deixou cair o livro.

Abriu um sorriso enorme e agradeceu. O jogo continuava. Júlio Prestes. Todos desceram.

- Você gostou do concerto?

- Adorei! Não vou perder mais nenhum.

- Que bom! Assim vou poder tocar para você.

- Verdade?

- Com certeza.

Marcaram um encontro para o final do dia.

Ele a levou ao Shopping Metrô Santa Cruz. Ele tocava na praça de alimentação do shopping. Tocou durante duas horas. Não tirava os olhos dela e nem ela dele. Quando terminou, jantaram e ele lhe contou da sua paixão pelo saxofone. Falou de Coltrane, Assis Brasil, Charlie Parker e de outros saxofonistas. Recitou poemas de Bandeira, Vinícius e Drummond. Falou de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Bach, Beethoven e Mozart. Chico, Caetano, Gil e Renato Russo. Woody Allen. Acabou convidando-a para irem a sua casa ouvirem os CDs.

Pisando nas nuvens, Vera caminhava ao lado dele. Nem prestava atenção no caminho. Quando deu por si, estava dentro do apartamento dele, sentada num sofá ouvindo Coltrane. Encontrara o homem perfeito: simpático, sorridente, músico, moreno, olhos verdes, leitor de poesia, apreciador de literatura, bons filmes, um cavalheiro, um príncipe encantado. Os CDs se alternavam no player. Dormiu ouvindo música.

Arthur, esse era o seu nome, estava na cozinha. Logo apareceu.

- Acordou, Bela Adormecida. Venha tomar café.

Vera levantou-se desajeitada, confusa. Não acontecera nada. Simplesmente dormira. Não era possível. Foi até o banheiro. Saiu. Entrou na cozinha. Chá, pão, suco e bolo a esperavam. Comeu enquanto ele tocava para ela. Estava sonhando e não queria acordar. A campainha tocou. Jorge foi atender. Vera levantou-se e foi atrás. Sem saber que ela o havia seguido, Arthur abraçou e beijou longamente a boca do rapaz que havia chegado. Trocaram carinhos. Era o mesmo que ela vira no teatro e também no shopping.

Vera sentiu sua alma morrer definitivamente.

O REGIME AMALDIÇOADO

O cheiro de comida invadia a sala. João e Maria estavam assistindo a um filme na televisão. João sentiu o aroma e disse:

- Estou morrendo de fome, querida. Hoje não vai ter comida novamente?

- Não. Eu estou de regime. Preciso perder 10 quilos.

- Mas eu não estou de regime. Sempre fui pele e osso.

- Você tem que ser solidário. Não quer me ver magrinha e gostosa. Causar inveja aos seus amigos?

- Estou passando fome e eu adoro comer. E todo dia o cheiro da comida da Miriam entra em nossa casa. É muito sofrimento. Prefiro você assim gordinha e eu bem alimentado.

- Nada disso! Comecei e vou até o fim. Apostei com Marli e a Creuza. Quem perder 10 quilos primeiro ganhará cem reais das outras. Eu quero perder peso e ganhar duzentos reais.

- Posso ir até a esquina e comprar um churrasco, uma pizza? Comerei escondido de você.

- Não! Você tem que sofrer comigo. Vamos para a cama. Quero perder algumas gramas no amor.

- Eu estou muito fraco. Você não tem percebido que ultimamente eu não tenho dado conta do recado. Canso e durmo. Trabalho muito e me alimento mal.

- Não quero nem saber. Você é homem e tem que me satisfazer. Eu não me importo em fazer tudo. Basta que ele fique pronto. Vamos!

- ...

- Eu lhe disse. Preciso me alimentar.

Foi até a cozinha e ficou triste quando viu a geladeira vazia. Voltou para o quarto. A esposa já dormia. Saiu, foi até a pizzaria e comeu rapidamente uma pizza quatro queijos. Voltou, deitou-se e dormiu também. No outro dia, quando acordou teve uma surpresa.

- O que é isso? Você ficou louca?

- Não.

- Então me desamarre da cama. Preciso trabalhar.

- Só se você prometer uma coisa?

- O quê?

- Fazer regime comigo.

- Passar fome com você?

- Se você prefere ver as coisas assim.

- Não. Solte-me.

- Não.

- Está bem. Eu faço regime com você. Solte-me.

- Eu não acredito em você. Ontem você saiu e comeu na pizzaria. Vai ficar amarrado até terminar o meu regime.

- Você ficou louca!? Preciso trabalhar.

- Meu trabalho será suficiente.

- Vou perder meu emprego. Não está fácil arrumar emprego.

- Eu sei. Se você se comportar, quando eu perder os dez quilos, eu soltarei você e sustentarei a casa, com o meu trabalho, pelo tempo que for preciso para você arrumar outro emprego.

- Ficar sem comer afetou o seu juízo?

- Talvez. Mas você verá que valerá a pena.

- Solte-me. Eu vou gritar!!

Antes que ele começasse a gritar, Maria colocou uma fita colante sobre sua boca. Ele se

retorceu na cama. Mas estava muito bem amarrado. Ela saiu do quarto e ele ouviu as portas sendo fechadas. Ouviu a vizinha cantando. Sentiu o cheiro da comida dela. Retorceu o corpo, mas nada conseguiu. Muito tempo depois, ela entrou no quarto.

- Amor! Cheguei. Já perdi dois quilos. E elas só um. Logo vou poder soltar você. Boa noite. Ah, liguei para o escritório e disse que você precisou viajar urgente para Salvador porque sua mãe está muito doente e que você só voltará quando ela se recuperar. Sei que sua mãe já morreu, mas eles não sabem. Talvez assim você não perca o emprego. Boa noite.

João a via todos os dias entrando no quarto e dizendo quantos quilos havia perdido. Não sabia há quanto tempo estava preso. Um grande sono e moleza tomaram conta de seu corpo. Dormia, dormia, dormia. Só acordava quando ela chegava da rua e lhe dava água e uma sopa rala através de um canudo que introduzia na fita colante. O tempo passava e João tinha certeza que morreria antes de Maria perder os dez quilos. Seu raciocínio era lento. Não pensava mais. Apenas um grande ódio crescia dentro dele. E este ódio o alimentava diariamente para sobreviver.

- João, acorda, João! Consegui! Perdi quinze quilos e ganhei os duzentos reais. Vou soltar você. Veja como eu estou magra e gostosa. Todos os homens mexem comigo na rua.

Ele não a ouviu. No decorrer dos dias ela o alimentou com sopas. João recobrou, pouco a pouco, as suas forças. Já conseguia andar se amparando nos móveis. Via Maria quando ela chegava do trabalho feliz e magra. Seu ódio crescia. João não saía de casa. Numa quinta-feira, Maria estava assistindo televisão, a vizinha cantava e o cheiro da comida que ela cozia invadia a casa. João, silenciosamente chegou por trás de Maria e deu uma, duas marteladas na cabeça dela. O sangue jorrou e o corpo caiu no chão. João a arrastou até o banheiro e colocou-o dentro da banheira. Com uma faca afiada, cortou o corpo em vários pedaços. Separou as carnes. Colocou tudo no freezer.

No dia seguinte, sexta-feira, tirou vários pedaços e colocou-os na geladeira. Foi trabalhar. Convidou os amigos para almoçarem no sábado. Feijoada à moda do João. No sábado, começou a preparar as carnes. Colocou pedaços da cocha e dos braços em assadeiras. Assou-os. Fritou nacos de carne das nádegas. Preparou batatas cozidas com carne da batata da perna, arroz com pedaços da língua e das orelhas, feijão com carne dos seios e salada de legumes com pedaços do nariz. A Feijoada tinha, além da carne de porco, vários pedaços dela e os dedos sem as unhas. Os amigos começaram a chegar trazendo cervejas, batidas, pingas. A alegria tomou conta da casa. O forró animava os convidados. Comemoravam o retorno de João. Todos se sentaram à mesa. A vizinha, Miriam, o marido e os dois filhos compareceram. Alguém perguntou:

- Onde está Maria?

- Viajou às pressas para o Norte. Não sei quando volta. Passe a caipirinha para mim.

Todos comeram e beberam até se fartarem. Saíram elogiando o almoço preparado por João.

- As carnes estavam muito gostosas – disse o vizinho.

O GATO PRETO

Pedro, desempregado há mais de dois anos, sustentava a mulher, quatro filhas e a pinga vendendo churrasco na entrada da favela. O emaranhado de vielas que separavam os barracos possuía apenas uma entrada e era ali que Pedro colocara sua tosca churrasqueira feita com dois tijolos de cimento e uma grelha velha de forno de fogão. Tinha uma clientela certa e satisfeita. Para muitos, o churrasco era a única refeição noturna e sempre havia uma pinga para beber. Outros compravam dois ou três e levavam para casa para que os filhos e esposa também comessem o churrasco de Pedro.

Pedro morava num dos inúmeros barracos da favela. Ele e a mulher vieram do norte em busca de uma vida melhor. No início, ele conseguiu trabalhar como servente nas obras que havia pela cidade. Com a crise ficou desempregado. Sua esposa trabalhava como empregada diarista. O

diabetes impediu que ela continuasse. Lavava e passava roupa para algumas famílias. Tinham seis filhos, quatro moravam com eles, as meninas, e dois, os meninos, não tinham notícias deles. Estavam no mundo.

Todos os dias, após o almoço, Pedro saía de casa dizendo que ia comprar mais carne para os churrascos. Levava um isopor com gelo dentro de sacos para conservar a carne. Ele tomava um ônibus que o levava até um sítio cheio de gatos. Entrava, escondia-se no mato e atraia os gatos com cabeças de peixe que apanhava no lixo do mercado municipal. Quando dois ou três gatos se aproximavam para comer os peixes, matava-os a pauladas. Sempre cinco gatos. Colocava os gatos no isopor e saía do sítio. Chegando em casa se trancava na cozinha. A mulher e as filhas, assistindo televisão, não se preocupavam com o que ele fazia. Depois de limpos, Pedro colocava a carne nos espetos e guardava no congelador da geladeira. O couro, as tripas e os ossos, enterrava no quintal. À noite vendia o seu delicioso churrasco de carne de primeira para a favela inteira.

Tudo corria bem nos negócios até que um dia, no sítio, depois de ter matado três gatos, deparou-se com uma gata amamentando quatro gatinhos. Pedro não pensou duas vezes: matou a gata e os quatro filhotes. Guardou a gata no isopor e jogou os filhotes no mato. Quando se virou, viu que um gato preto o observava. Sentiu que o gato presenciara tudo o que ele fizera. Um arrepio correu em sua espinha e o fez estremecer. Recuperou-se. Tirou algumas cabeças de peixe do saco e tentou atrair o gato preto. Ele não se mexeu e continuou olhando fixamente para Pedro. Mais dois gatos apareceram e comeram as cabeças. Pedro os matou e partiu. Olhou para trás e viu que o gato o seguia. Apressou o passo, andou rápido, correu. Conseguiu despistar o gato. Quando chegou em casa foi para a cozinha e preparou os gatos.

Todas as vezes que voltava ao sítio, o gato preto o seguia e presenciava o que ele fazia. Pedro sentia-se incomodado com a presença do gato e não conseguia atraí-lo para matá-lo.

À noite estava no seu lugar habitual vendendo churrasco e pinga quando um carro bateu no poste de onde saía “os gatos” que iluminavam todas as casas da favela. Tudo ficou às escuras. Em sua casa, a mulher e as crianças acenderam velas. Uma das meninas colocou uma vela perto da roupa que estava sobre o sofá para ser passada. Deitaram-se e dormiram. Acordaram com o barraco tomado pelas chamas. Logo o fogo se espalhou para os outros barracos. Os bombeiros chegaram, mas não conseguiram vencer o fogo. A favela foi destruída pelo fogo. Muitos moradores foram levados ao hospital porque se intoxicaram com a fumaça tentando salvar seus poucos bens.

Apenas cinco pessoas morreram: a esposa e as quatro filhas de Pedro. Elas foram encontradas carbonizadas. Morreram abraçadas no meio da casa. Quando Pedro soube da notícia ele ouviu um miado e viu o gato preto se afastando.

O ARQUIVO MORTO

A Chuva castigava a cidade. Molhava os corpos e as almas das poucas pessoas que se aventuravam pelas ruas do centro da cidade.

Longe, na periferia, rios transbordavam e invadiam ruas e casas. Quem já tinha pouco, perdia tudo. Vidas eram sugadas pela lama que descia dos barrancos. Casas e barracos eram destruídos porque teimavam em se equilibrar em morros.

A energia elétrica se foi. Pedro desligou a televisão. A chuva batia forte no seu telhado de zinco. Parecia o som de uma metralhadora. Mesmo cansado não conseguia dormir. Virava de um lado para o outro. A cama de casal era grande demais para um homem só. A última companheira o abandonou levando os armários e a televisão recém comprados. Agora tinha uma antiga, preto e branco, imagem ruim e cheia de chiados. Mas dava para ouvir as más notícias do mundo e ver alguma coisa. O rádio, antigo companheiro, ela também levara. Maldita mulher. Ouvia o barulho dos ratos correndo pela cozinha procurando algo para comer. Preparou-lhes uma refeição especial: arroz com veneno. A chuva enchia a madrugada. Pedro mal conseguia dormir.

O dia amanheceu molhado. O céu carrancudo olhava para Pedro que enfrentava a chuva fina para ir trabalhar. Caminhou meia hora pisando na lama até chegar no ponto de ônibus. Cheio como sempre. O ônibus lotado e todos os vidros fechados pioravam os odores de suores misturados. A náusea tomava conta de Pedro porque com a falta de energia elétrica ninguém tomou banho.

Pedro tinha duas ocupações no hospital público em que trabalhava. Era enfermeiro no último andar e arquivista no porão: arquivava mortos.

- Bom dia.
- Bom dia.

Pedro desceu para o porão do hospital. Trabalhava sozinho em meio a prateleiras cheias de vidros com cinzas. Eram seres humanos inúteis que ninguém mais procurava.

- Boa noite.
- Boa noite.

Pedro subia para o décimo andar do hospital. Cumpriria ali seu turno de enfermeiro. Trabalhava da meia-noite às seis, três vezes por semana. Fazia plantão no andar de geriatria. Permanecia sozinho em meio a dezenas de quartos abarrotados de homens e mulheres inúteis que ninguém mais procurava. Eram seres humanos inexistentes para o mundo lá fora que teimam em viver nos quartos. Toda noite morria um, dois, três velhos e a vaga logo era ocupada. Pedro colocava o corpo numa maca e o levava até o incinerador do hospital. Tirava da maca e colocava dentro de um caixão de aço. O fogo consumia o corpo. Só restavam cinzas. Ele as colocava dentro de um vidro. Quando amanhecia, descia até o porão e colocava o vidro na prateleira correspondente. Registrava no livro de ocorrências: cinzas número 101059, prateleira 4344, cadastro geral 105910.

O DIABO E A HUMANIDADE

ADAPTAÇÃO DO “AUTO DA LUSITÂNIA” DE GIL VICENTE
(1460-1536)

Entra o demônio, Berzebu, e berra.

Berzebu	O que você está fazendo, Dinato?
Dinato	Que susto, seu diabo embolorado!
Berzebu	O que você está fazendo?
Dinato	Não vês? Estou lendo!
Berzebu	Lendo o quê corno pacato?
Dinato	Do Machado de Assis "A Igreja do diabo"
Berzebu	Minha igreja, seu tonto?
Dinato	Não, seu ignorante, é um conto.
Berzebu	Vamos trabalhar, seu vagabundo!
Dinato	É pra já, mestre imundo!
Berzebu	Vamos olhar o mundo e povoar mais o inferno
Dinato	Com certeza, caro inimigo palermo

Berzebu observa o mundo e vê "Todo o Mundo" um homem bem vestido, rico, milionário, que anda buscando alguma coisa que perdeu; e logo após ele, outro homem, pobre, cujo nome é Ninguém.

Ninguém -	O que você está procurando?
Todo o Mundo	Mil coisas ando a procurar

E sempre consigo achar
Estou sempre disputando
Porque é bom disputar.

Ninguém - Como é o seu nome, cavalheiro?

Todo o Mundo Meu nome é Todo o Mundo
E meu tempo todo inteiro
Sempre é querer dinheiro,
E sempre isto desejo bem fundo.

Ninguém Meu nome é Ninguém
E busco a consciência.

Berzebu Dinato, demônio vagabundo
Escreve o que se passa no mundo

Dinato Diga mestre arrogante
O que você tem visto de importante?

Berzebu Está é boa experiência:
Dinato, escreve isto bem.

Dinato Que escreverei, chucro companheiro?

Berzebu Que Ninguém busca a consciência
E Todo o Mundo quer dinheiro.

Ninguém E agora que buscas lá?

Todo o Mundo Busco honra muito grande.

Ninguém E eu virtude, que Deus mande
Que tope com ela já.

Berzebu Outra adição nos acude:
Escreve logo aí, seu imundo.

Dinato Que devo escrever, irmão carrancudo

Berzebu Que busca honra Todo o Mundo
E ninguém busca a virtude.

Ninguém Buscar outro bem maior que esse?
Todo o Mundo Busco mais quem me louvasse
Em tudo quanto eu fizesse.
Ninguém E eu quem me repreendesse
Em cada coisa que errasse.

Berzebu Escreve mais, fedido
Dinato Que tens sabido?
Belzebu Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado
E ninguém ser repreendido.

Ninguém O que buscas mais, amigo meu?
Todo o Mundo Busco a vida de riquezas com muita fé
Ninguém A vida não sei o que é
A morte conheço eu.

Berzebu Escreve lá outra sorte.
Dinato Que sorte?
Berzebu Muito divertida:
Todo o mundo busca as riquezas da vida
E ninguém conhece a morte.

Todo o mundo Eu sempre quero, neste mundo, o paraíso
Sem ninguém me atrapalhar.
Ninguém E eu ponho-me a pagar
Quanto devo para isso.

Berzebu Escreve com muito aviso.
Dinato Que escreverei?
Berzebu Escreve que Todo o Mundo quer o paraíso
E ninguém paga o que deve.

Todo o Mundo — Gosto muito de enganar
E mentir nasceu comigo.
Ninguém — Eu sempre verdade digo
Sem nunca me desviar.

Berzebu — Ora escreve lá, compadre
Não sejas tu preguiçoso!
Dinato — Que? Como? Diga, cara de padre
Berzebu — Que Todo o Mundo é mentiroso
E Ninguém diz a verdade.

Ninguém — Que mais buscas?
Todo o Mundo — Lisonjear.
Ninguém — Eu sou todo desengano.

Berzebu — Escreve, ande lá, mano.
Dinato — Que me mandas acrescentar?
Berzebu — Escreve bem claro, seu danado
Não seja bagunceiro
Todo o Mundo é lisonjeiro
E Ninguém desenganado.

Todo o Mundo — Quando quero alguma coisa
Sempre falo alto, grito e berro.
Ninguém — E eu quando quero alguma coisa
Sempre tenho paciência e espero.

Berzebu — Escreve aí, babaca!
Dinato — Que devo escrever, filho de uma vaca!
Berzebu — Todo o mundo fala alto, grita e berra
E Ninguém tem paciência.

Todo o Mundo — Quando tenho alguma pendência
Sempre compro a justiça.

Ninguém E eu na minha consciência
Obedeço a justiça.

Berzebu Preste atenção, sua besta!
Dinato Pode falar, capeta
Berzebu Todo o Mundo compra a justiça
E Ninguém obedece à justiça.

Todo o Mundo Quanto mais eu tenho mais eu quero
Para isso uso de toda a desonestidade.
Ninguém Eu só quero
A honestidade.

Berzebu Anota aí, filho de um burro!
Dinato Diga, pai!
Berzebu Todo o Mundo usa a desonestidade
E Ninguém quer a honestidade.

Todo o Mundo Todos que me ajudaram
Paguei com ingratidão.
Ninguém Todos que me auxiliaram
Eu tenho profunda gratidão.

Berzebu Escreve certo, seu jumento.
Dinato Dita, bode sarnento.
Berzebu Todo o mundo paga a ajuda com ingratidão
E Ninguém tem profunda gratidão.

Todo o Mundo Não suporto gente pobre
Sempre digo não.
Ninguém Eu amo ao próximo e sou com todos nobre
Como a um irmão.

Cena Um pobre pedindo esmola aparece
E todo o mundo desaparece
Insiste, diz que muito carece
Todo mundo diz:

Todo o Mundo — Sai da minha frente porco imundo
Não vês que eu não sou do seu mundo

Narrador: — Ninguém põe a mão no bolso e diz
Com um ar feliz:

Ninguém — Eu só tenho um real
Mas é todo seu para aliviar o seu mal

Dinato — Soube de algo mal?
Berzebu — Muita coisa, cara de limão com sal
Dinato — O quê, amigo podre?
Berzebu — Todo o Mundo não suporta gente pobre
E Ninguém ajuda ao próximo.

Todo o Mundo — Eu não tenho piedade
Sempre venço com a maldade.
Ninguém — Eu sou um bom cristão
Nunca nego o perdão.

Berzebu — Escreve, aluno idiota!
Dinato — Diga, professor marmota
Berzebu — Todo o Mundo não tem piedade
E Ninguém sempre nega o perdão.

Todo o Mundo — Eu tenho muita mesquinhez
Por dinheiro tenha muita avidez.
Ninguém — Eu sou todo generosidade
Com todos os pobres da cidade.

Berzebu — Redija bem, seu analfabeto chinês
Dinato — Pode falar, dentes podres
Berzebu — Todo o mundo tem muita mesquinhez
E ninguém é generoso com os pobres.

Cena	Dois mendigos estão comendo lixo com arrojo
	Todo mundo se afasta com nojo.
	Ninguém lhes dá o seu almoço.
Berzebu	Escreve, víbora rastejante
Dinato	Que devo escrever, amigo pedante
Berzebu	Todo o Mundo dos mendigos tem nojo
	E ninguém lhes dá almoço.
Todo o mundo	Tenho muita inimizade
	Para com todos que me devem na cidade
Ninguém	Eu tenho amizade
	E é igual à de compadre.
Berzebu	Escreve, imbecil!
Dinato	Diga, diabo senil!
Berzebu	Todo o Mundo tem muita inimizade
	E ninguém tem amizade de compadre.
Todo o Mundo	Eu tenho muita coragem
	Para oprimir os meus devedores.
Ninguém	Eu não perco a viagem
	Sempre perdôo os covardes.
Berzebu	Escreve companheiro dos infernos!
Dinato	Diga lá, irmão dos invernos!
Berzebu	Todo o Mundo oprime os devedores
	E ninguém perdoa os covardes.
Todo o Mundo	Eu nego a minha cooperação
	Se é para ajudar os pobres na sua vida de cão
Ninguém	Eu sempre faço boa ação
	E auxilio os pobres, de coração.
Berzebu	Escreve, maneta!

Dinato Manda, perneta!

Berzebu Todo o Mundo nega a cooperação
E ninguém auxilia os pobres.

Todo o Mundo A minha lealdade
Está cheia de maldade.

Ninguém Eu quero que a fidelidade
More dentro do meu coração.

Berzebu Anota aí sem erro no dedo.

Dinato Pode falar sem medo.

Berzebu Todo o Mundo está cheio de maldade
E Ninguém quer a fidelidade no coração.

Todo o Mundo Eu trato as pessoas com igualdade
Dou por igual a minha maldade.

Ninguém Eu quero que a equanimidade
Viva sempre na sociedade.

Berzebu Escreve, o derradeiro
Já cansei de tanto faroleiro.

Dinato Eu também, odiado companheiro.

Berzebu Todo o Mundo trata as pessoas com maldade
E ninguém quer equanimidade na sociedade.

Cena

A morte entra toca em Todo o Mundo. Os diabos o levam para o inferno. Todo o Mundo tenta comprar os diabos. Oferece todas as suas riquezas. Mas riquezas terrenas não valem nada no inferno. Os diabos escarnecem de Todo o Mundo dizendo que ele morreu....Gargalhadas

O DIA DA MINHA MORTE

Morte. A simples palavra na minha mente fazia meu corpo tremer. Sempre tive medo da morte. Caveiras, esqueletos, cemitérios, velórios. Pavor irracional. Às vezes ficava sem dormir, morrendo de medo de morrer, pensando na morte, no dia da minha morte. Sabia que um dia fecharia os olhos para sempre e que as trevas engoliriam tudo. Sei Desaparecerei e nunca mais acordarei, ou, pior, que acordarei vivo dentro de um caixão. Horror dos horrores. Saber que um dia me enterrarão ou me cremarão e que nunca mais verei a luz do sol me enlouquecia. Adoro viver, não quero morrer.

As pessoas passam a vida toda trabalhando, se esforçando para ter coisas e, no final, quando conseguem o que desejam e já podem gozar a vida, vem a morte e as leva. Qual é a vantagem de tudo isso? Na natureza o sol, a lua, o mar, as estrelas observam a nossa desdita. A nossa rápida passagem pelo mundo.

Sou milionário. Herdei toda a minha fortuna de meu pai. Ele possuía ações nas principais empresas do mundo. Vivo dos dividendos que as ações me proporcionam. Não preciso trabalhar.

Meu pai morreu com sessenta anos. Quando ele soube que tinha câncer e passou pelo sofrimento das primeiras quimioterapias, pegou um revólver e se matou. Sabia que toda a sua fortuna não o livraria da morte e, pior do que isso, do sofrimento físico e moral. A morte, de repente, tornou-se sua companheira de quarto. Sua amiga, a única solução para acabar com o seu sofrimento. O desfecho terrível de meu pai me abalou muito. Minha mãe criou uma fundação, com o nome dele, para ajudar na pesquisa do câncer. Uma tentativa de eternizar seu nome. Afinal, pessoas nascem, pessoas morrem e o mundo continua sempre o mesmo. Ninguém tem passado. Tudo acaba. Nada é para sempre.

A morte prematura de meu pai me fez buscar a diversão, o gozo e o prazer da vida. Não evitei nenhum tipo de prazer. No entanto, nada me satisfazia. Aos quarenta anos, o medo da morte continuava me perseguindo. Resolvi pesquisar, não para compreender a vida, mas sim para descobrir se é possível vencer a morte. No início, todas as pesquisas que fiz, tudo que tentei, não deu resultado. Li sobre todas as religiões buscando o significado da vida e da morte. Nenhuma delas me deu a resposta que eu queria. Ciências ocultas. Nada. Estudei filosofia, também não. Enveredei pela ciência, nada.

A preocupação com a morte crescia dia a dia. Estudei cultos antigos, aprendi as línguas mais antigas das civilizações humanas, revirei bibliotecas e sebos do mundo todo em busca de algo, de alguma pista sobre o assunto. Tinha em mim que encontraria, que minhas buscas não seriam em vão.

Num sebo no Cairo encontrei um pequeno livro com muitas páginas arrancadas. As que sobraram consegui, com a ajuda do velho que estava sentado no balcão do sebo, traduzir. Anotei num caderno a tradução:

> "A morte é a certeza para todos aqueles que estão vivos. O ciclo é inevitável apenas para aqueles que não são iniciados nos segredos vida eterna. Raros são aqueles que ouviram falar sobre o livro que revela os segredos da vida e da morte. É um livro antigo. Escrito numa língua já morta e esquecida. Ele está guardado em outra dimensão. A passagem para ela se dá no sétimo dia, do sétimo mês. A morte, na verdade, são sete demônios e eles se revezam na guarda do livro enquanto perambulam pelo mundo se alimentando de vidas humanas. Os demônios não são nem masculinos nem femininos. Eles são mais poderosos que o sol, mais ferozes que os tufões. Não conhecem a piedade, compaixão, orações. Eles são nossos inimigos. Eles são as verdadeiras faces do demônio. Para conseguir entrar nos portais, encontre as sete preces dos deuses da noite e os portões da escuridão se abrirão. Você enfrentará forças malignas e, se as vencer, a mansão dos infortúnios abrirá suas portas. A noite ficará sem estrelas e sem lua. As trevas tomarão conta de tudo. Quando surgir a manhã os sete demônios nunca o encontrarão e para sempre você viverá. São sete preces. A primeira..."

O resto havia sido arrancado. Quando terminei a anotação o velho havia desaparecido. Voltei para o hotel e fiquei pensando sobre os sentidos das palavras do texto. Na tarde do dia seguinte, havia um envelope para mim na recepção do hotel. Voltei para o quarto e encontrei apenas um endereço dentro do envelope:

Dead End Street, 7 - London - England

Conheço Londres muito bem e não conhecia o endereço. Mesmo assim, resolvi partir para Londres.

Desembarquei no aeroporto de Heathrow e peguei um táxi até o centro da cidade. Comprei um guia da cidade e, como previa, não havia nenhuma rua Dead End. Comprei, numa livraria especializada em mapas do mundo inteiro, um mapa de Londres do início do século XX. Acertei. Lá estava a rua. O nome dela hoje é Hardman Road nas Docklands. Peguei um táxi que me deixou em frente a um sebo. Entrei e olhei os livros. Retirei alguns das estantes e comecei a folhear. Num deles havia uma anotação em vermelho junto das palavras *vença a morte e tenha vida eterna*: Castelo de Bodiam. East Sussex. Comprei o livro. O velho que me atendeu pareceu-me conhecido. Saí e peguei um táxi até o centro de Londres. Comprei uma passagem de trem para East Sussex, no norte da Inglaterra. Quando estava no meio da viagem, lembrei-me de onde conhecia o velho que me atendeu no sebo em Londres: era o mesmo do Cairo. Seria possível? Não, não era possível. Minha memória estava me pregando uma peça.

Hospedei me no hotel Young Death. No dia seguinte, aluguei um carro e fui até o castelo. Apresentei-me como pesquisador e solicitei permissão para pesquisar a biblioteca. Alegaram que a biblioteca não possuía nada de importante. Mesmo assim disse que desejava conhecê-la. Levaram-me até a biblioteca. Realmente não havia nada. Quando coloquei o último livro que tirara para examinar no seu lugar, ouvi o disparo de uma tranca e uma pequena porta se abriu junto à estante. Vi uma sala escura. Peguei um dos candelabros da biblioteca, acendi a vela e entrei. Um corredor me conduziu para outra sala. Atravessei a sala e abri outra porta. Outra sala, apenas móveis. Não havia portas nem janelas. Abri um armário, não havia nada. Abri outro. Vazio. No terceiro, encontrei um baú. Abri e havia um pergaminho. Desenrolei. A mesma língua do outro texto.

Guardei o pergaminho no bolso do casaco. Fiz o caminho de volta. Ao chegar no hotel, traduzi no mesmo caderno.

> "*Oh senhor das trevas! Guardião dos valores sombrios, dos tormentos e dos dramas da vida, levai-me até o abismo do absurdo, do nada, da morte. Dai-me a força das sombras, do inferno, das trevas interiores. Dai-me o gosto amargo da angústia de viver, a força das tempestades, das tormentas e das tragédias. Quero conhecer o horror do não ser, provar a carne que apodrece. Quero vencer a morte e para sempre ser. - (118 - 32).*"

Voltei para Londres. Decidi pesquisar no British Museum. Cheguei cedo. A biblioteca do British Museum ainda não estava aberta. Entrei num cybercafe, pedi um café e sentei-me no computador. Digitei no computador os números do final do manuscrito. Nada. Entrei nos sites de busca e digitei os números das mais diversas formas. Nada. O café esfriou ao lado do teclado. Fiquei olhando para a tela do computador tentando adivinhar o significado daqueles números. A biblioteca abriu. Fiquei o dia inteiro pesquisando nos livros e não encontrei nenhuma referência aos números naquela ordem ou em qualquer outra ordem. Resolvi tentar de novo a Internet. Sentei-me no computador e digitei em vários sites de busca os números. Havia um homem idoso no computador ao lado e, vendo minha expressão de desânimo, ofereceu-se para ajudar. Recusei, com medo que ele descobrisse ou desconfiasse do motivo da minha busca. Ele olhou para mim e disse que sabia o que eu buscava. Estarrecido, não falei nada. Ele aproximou-se do meu teclado e digitou. A tela mostrou um mapa do mundo. Fiquei olhando para a tela. Quando voltei a cabeça para o lado ele havia desaparecido. Digitei os números e apareceu na tela:

> "*Vale da Morte - Estados Unidos: o ponto mais baixo do hemisfério ocidental e a mais quente e árida região dos Estados Unidos. Localiza-se no SE da Califórnia, tem 225 km de extensão e 24 km de largura. O seu*

ponto mais profundo fica em Badwater (96 m abaixo do nível do mar).”

Saí do museu e fui para o aeroporto. Comprei uma passagem para New York. O avião partiria em duas horas. Enquanto esperava o avião, vi na televisão que um avião com 320 passageiros explodira e caíra na baia de New York. Ele seguia para Paris. Causou um mal estar generalizado nos passageiros que aguardavam o horário de seus aviões. Muitos cancelaram as passagens. No meu vôo não houve desistências. Partimos no horário previsto.

Cheguei em New York perto da meia-noite. Hospedei-me no hotel Red Valley. Muito cansado, tomei banho e desmaiei na cama. No dia seguinte, fechei minha conta e fui para o aeroporto. Comprei uma passagem para Los Angeles. Mas uma grande travessia aérea. O sol de Los Angeles acordou-me. Desembarquei e aluguei um carro. Dirigi até Bad Water, pequeno vilarejo perto do Vale da Morte. Caminhei pelas ruas desertas. Vi um velho sentado num banco, numa praça castigada pelo vento e pelo sol. Perguntei-lhe se havia alguma biblioteca na cidade ou algum centro histórico. O velho, sem olhar para mim, apontou para uma velha casa no fim da rua. Agradeci e caminhei até a casa. Quando olhei para trás o velho não estava mais lá. Chegando na casa, entrei no jardim e toquei o sino que estava pendurado na parede. Esperei. Ninguém apareceu. Coloquei a mão na maçaneta e a porta abriu. Entrei na casa e vi pilhas e pilhas de livros velhos empoeirados. Parecia o depósito esquecido de alguma velha editora. Mexi nos livros e não vi nada que interessasse. Na parede havia um quadro com um mapa de Israel. Retirei da parede e vi que atrás do quadro havia um buraco. Com medo, enfiei a mão no buraco e peguei um pequeno livro. Havia um marcador de página na página com a foto do Mar Morto. Teria que voar até Israel. Entrei no carro e, quando estava saindo do vilarejo, vi o velho me acenando. Um calafrio passou por meu corpo. Estava começando a anoitecer e esfriar.

Los Angeles estava toda iluminada. Fui até o aeroporto e comprei uma passagem para Israel. Hospedei-me num hotel nos arredores do aeroporto. No dia seguinte parti. Longa viagem.

Minha busca parecia não ter fim. As pistas nada esclareciam. Tinha a impressão de que alguém sabia de tudo e estava me ajudando ou brincando comigo. Durante a viagem, lembrei-me que sempre havia um velho quando as pistas apareciam. E todos eles se pareciam. Estaria delirando?

No aeroporto de Tel Aviv, aluguei um carro. Fui até Jericó, cidade perto do Mar Morto. O dia escaldante anunciava que ia cair uma enorme tempestade. Andei a tarde inteira pela cidade e nada encontrei. Quando começou a anoitecer, voltei para Tel Aviv decidido a pesquisar no dia seguinte nos museus e bibliotecas da cidade. Sentia que ali encontraria a resposta da minha busca.

Ao chegar na cidade, estacionei o carro na garagem de um hotel. Em frente havia uma grande obra para absorver as águas pluviais. Um buraco enorme e uma grande galeria uniam os canos com o rio. Entrei e me registrei. Como a noite estava muito quente, resolvi caminhar um pouco pela cidade. A tempestade estava se armando. Talvez não desabasse sobre a cidade. Um vento refrescava a noite. Sentindo que a chuva começara a cair, iniciei meu caminho de volta para o hotel. Não havia percebido que caminhara tanto. Os meus pensamentos me levaram para bem longe do hotel. Não via táxi. Todos se recolheram com medo da tempestade. Apressei o passo. A chuva engrossava e um raio caiu na estação de energia elétrica.,. Tudo ficou às escuras. Ao atravessar uma avenida não vi um carro que se aproximava em alta velocidade. O impacto do carro jogou me dentro de uma das grandes valetas abertas para escoar a água das chuvas. A tempestade desabou. Estou preso na valeta. Vejo a água subir. Já está na altura do meu pescoço. A morte...

A MORTE PLANEJADA

Martins tinha uma boa esposa. Vivia com Maria há dez anos. Eles não tinham filhos. Martins era pedreiro. Construía casas. Só para pessoas ricas. Ele não aceitava trabalhar para pobres ou remediados.

Martins tinha uma amante. Estava com ela há dois anos. Seu nome era Márcia. Ela era muito ciumenta. Maldizia a hora em que vira Martins e se apaixonara por ele. Márcia não aceitava ser a outra. A amante. Ela queria ser a esposa de Martins.

- Amor, quando você pedirá o divórcio de sua esposa?

- Ainda não sei. Não é fácil decidir.

- Você sempre me responde assim. Estou cansada de ser a outra e de dividi-lo com outra mulher. Quero você só para mim. Quero ser a sua esposa. Não quer ser abandonada quando ficar velha e não ter ninguém por mim.

- Nunca lhe escondi nada. Sempre lhe disse que seria difícil separar-me de Maria enquanto minha mãe fosse viva.

- Sei. Mas sua mãe morreu já faz um ano.

- Você precisa ter paciência.

- Mais ainda.

- Não é fácil.

- Não seria fácil se vocês tivessem filhos. Ela é seca. Não sei o que você vê naquela mulher.

- Ela é sua melhor amiga. Como você pode falar dela assim.

- Por isso mesmo. Eu a conheço não é de hoje.

- Sei...

- Quando ela me conta o que vocês fazem na cama tenho vontade de esganá-la. Seguro-me tanto para não pegar o pescoço dela e matá-la como se fosse uma galinha.

- Nem pense nisso. Evite entrar nessas conversas. Você é muito melhor do que ela.

- Sei. Mas não sei até quando vou suportar essa situação. Sou muito ciumenta. Não sei o que eu tinha na cabeça quando me envolvi com você.

- Eu sei.

- Engraçadinho. Estou falando sério.

- Preciso ir. Ela está me esperando. Nós vamos ao aniversário do Jaime. Você vai também?

- Claro! Você acha que eu vou perder um forró desses? Vou dançar a noite toda... com você.

- Não exagere. Você sabe que ela está desconfiada.

- Qual nada. Ela é corna sonsa. Jamais imaginaria que a melhor amiga dela é a amante do marido.Eu quero mudar essa situação.

- Vamos ver. Já vou. Até mais tarde.

- Até.

No aniversário de Jaime, Maria, Márcia e Martins estavam na mesma mesa conversando.

- Vamos dançar? - perguntou Márcia.

- Posso ir, amor?

- Claro, Martins! Márcia é como uma irmã para mim.

- Eu sei. Mas sempre é bom perguntar.

- Vá. Não se importe comigo.

Os dois dançaram e dançaram. Maria não percebia nada. Não via nada. Pararam para tomar uma cerveja.

- Você não quer dançar, amor?

- Não, meu bem! Pode continuar com Márcia.

- Está certo.

Márcia olha para Maria com desdém.

- Sua esposa é mesmo uma grande idiota.

- Sua amiga é idiota?

- Não sou amiga dela.

- Mas finge ser. Ela é sua amiga. Conta-lhe todos os segredos. Você é apenas a ouvinte e se aproveita disso.

- Que proveito tenho eu? Sou obrigada a dividi-lo com ela. Uma pata sonsa.

- Um dia serei só seu.

- Quando?

- Não sei. Talvez se ela...

- Complete.

- Não! Jamais faria isso.

- Eu faria.

- Nem se atreva.

- Veja o meu desespero. Sou capaz de matar só para ter você só para mim.

- Você é louca!? Não fale assim nem brincando.

- Não estou brincando. É sério.

- Vamos sentar e beber cerveja. Estou cansado.

- Eu também estou. Mas é da nossa situação.

- Márcia, como vocês dois dançam bem. Sobre o que vocês tanto conversavam? Estavam tão sérios.

- Nada demais, amor.

- É. Nada demais.

A festa acabou e todos voltaram para casa. Márcia morrendo de ciúmes, pois tinha certeza que as danças com ela haviam acendido o desejo de Martins e ele iria matar seu desejo com a pata da Maria. E ela ficaria em casa sozinha deitada na cama chupando dedo e imaginando os dois na cama, morrendo de desejo. Precisava acabar com essa situação de qualquer jeito. Decidiu apelar para uma conhecida que poderia ensinar-lhe uma forma de se livrar de Maria.

- Sim. Eu sei o que fazer para que o seu amado seja só seu. Eu já passei por isso. E já fiz muito disso. Não tem erro. Você quer isso mesmo?

- É o que eu mais quero na vida. – respondeu Márcia.

- Muito bem. Preste atenção. Você deve pegar um sapo e deixá-lo debaixo da sua cama. Você tem que fazer amor com o seu homem nos sete dias seguintes, sem tirar o sapo debaixo da cama. Numa sexta-feira, você deve pegar o resto de comida, que sobrou no prato da sua rival, e colocar dentro da boca do sapo. Costura a boca dele e enterre o sapo no cemitério, numa cova recém aberta. Logo você verá o resultado. Ninguém escapa.

Márcia seguiu as orientações. Numa quinta-feira:

- Querido!

- Diga, Márcia.

- Quero lhe pedir um favor.

- Peça.

- Maria é boa cozinheira?

- Mais ou menos. Você é melhor.

- Sei. Eu gostaria de experimentar a comida dela.

- Você já com eu tantas vezes em nossa casa. Você já conhece.

- Eu sei. Mas eu sempre ajudo. Eu quero uma comida sem minha ajuda e tem que ser uma que ela deixou no prato. Não quis comer mais.

- Por que?

- Porque sim. Você pode satisfazer essa vontade do seu amorzinho?

- Posso. Amanhã eu trarei para você.

- Não Esqueça. É muito importante para mim.

- Certo. Não esquecerei.

No dia seguinte, Martins chegou. Entrou. Márcia estava tomando banho.

- É você, amor?

- Sim, querida.

- Você trouxe o que eu lhe pedi ontem?

Martins havia esquecido completamente. Olhou para o forno do fogão e viu um prato com comida.

- Trouxe. Você acha que eu esqueceria um pedido seu?

- Que bom, amor. Hoje eu vou acabar com você na cama para lhe mostrar todo o meu amor.

- Ótimo.

Martins foi até o armário e pegou um prato que sabia era de Maria. Abriu o forno do fogão e colocou metade da comida, que estava no prato dentro do forno, no prato de Maria. Pegou papel alumínio e cobriu o prato. Quando Márcia saiu do banheiro, foram para o quarto. Ela cumpriu o que havia prometido.

No dia seguinte, sexta-feira, Márcia levantou bem cedo. Pegou o sapo que estava preso sob a cama e o matou. Abriu a boca do sapo e colocou toda a comida, que Martins havia trazido da casa de Maria, dentro da boca do sapo. Depois costurou a boca do sapo. Colocou-o dentro de um saco e o saco dentro de uma sacola. Saiu. Pegou um ônibus até o cemitério da Lapa. Entrou e andou pelas alamedas procurando uma cova recém aberta. Não demorou muito para achar. Olhou para os lados. Não viu ninguém. Afastou a coroa de flores e fez um buraco com as mãos enluvadas. Retirou o sapo do saco e o enterrou. Satisfeita e feliz saiu do cemitério. Pegou o ônibus e voltou para casa. No outro dia visitou Maria, que a recebeu muito feliz. Almoçaram juntas. Márcia não notou nada de diferente em Maria. Talvez ainda fosse cedo. Esperaria.

Dois meses. Três meses e nada. Márcia já estava pensando que tudo não passara de história falsa. Numa sexta-feira, Márcia sentiu como se um bolo estivesse parado na sua garganta. Sensação terrível. Bebeu água. A sensação continuou forte. Na hora do almoço, sentou-se para comer. Não conseguiu. Algo impedia que a comida descesse. Bebeu mais água. A fome aumentava. No jantar também não conseguiu comer nada. Quando Martins chegou, estranhou.

- O que houve, amor? Você está esquisita.

- Nada.

- Você está naqueles dias?

- Não.

- Você está pálida.

- Não estou me sentindo bem. Acho que foi alguma coisa que comi no almoço. Amanhã estarei melhor, com certeza.

- Quer tomar alguma coisa para melhorar?

- Não, obrigada. Já tomei. Vou dormir e melhorarei. Hoje você não precisa fazer hora extra. Pode ir para casa.

- Está certo. Qualquer problema me telefona.

- Não se preocupe. Tudo ficará bem.

Martins saiu e Márcia deitou-se na cama. No dia seguinte, a mesma sensação na garganta. Estava morrendo de fome. Tentou comer pão e beber café. Não conseguiu. Agora nem líquido passava pela garganta. Desesperada começou a andar pela casa. Telefonou para Martins. Ele havia saído. Deixou recado. Deitou-se. As horas passavam e a fome a deixava louca. Hora do almoço, novamente não conseguiu comer. O desespero tomava conta dela. Quando Martins chegou, ela estava desesperada. Assustado Martins disse:

- Vou levá-la ao pronto-socorro. Você não pode ficar assim.

- Não. Eu não quero.

- Você está horrível. Alguma coisa está acontecendo com você. Veja sua pele.

- Eu sei. Não sei.

Márcia começou a chorar. Martins, sem entender nada, a abraçou.

- Eu não quero morrer. – Márcia soluçava.

- Você não vai morrer. Vamos ao hospital.

- Não!

- O que eu posso fazer por você? Vou chamar Maria.

- Não! Não faça isso. Eu não quero que ela me veja assim.

- Alguma coisa tem que ser feita.Você não pode ficar assim.

- O que será que deu errado? Era para Maria sofrer e morrer. Não eu!

- Como assim?

- Quando eu lhe pedi para trazer um prato com resto de comida de Maria era para preparar um trabalho para ela morrer. Você trouxe, mas quem está morrendo sou eu.

Márcia contou para Martins o que ela havia feito para tê-lo só para ela. Martins entendeu o que estava acontecendo e contou para Márcia o que ele havia feito naquele dia. Márcia desabou. A sua dúvida se confirmara: o feitiço virara contra a feiticeira.

Uma semana, Márcia já não se levantava da cama. Maria estava ajudando-a. Fora levada a um médico que nada vira de errado. Passou remédios. Mas ela não conseguia beber. Foi levada para o hospital e colocada no soro. Mesmo assim, enfraquecia, emagrecia. Já era só pele e osso. Estava horrível. Num último esforço:

- Martins, pelo amor de Deus, vá até o cemitério da Lapa e procure o túmulo onde enterrei o sapo e abra a boca dele.

- Como vou encontrar o túmulo?

- Não sei! Procure.

Martins saiu desconsolado. Andou pelo cemitério da Lapa procurando túmulos. Nos poucos que mexeu não encontrou nada.

- Márcia, não consegui encontrar nada.

- Leve-me até lá. Quem sabe eu o encontre.

- Como vou tirá-la do hospital?

- Não importa como. Tire-me daqui.

Martins subornou uma enfermeira e levou Márcia até o cemitério da Lapa. Vagarosamente, Márcia caminhou pelas alamedas. Não conseguia lembrar onde enterrara o sapo. Triste desanimou.

- Leve-me para casa. Quero morrer na minha cama.

Maria não saía do pé de sua cama. Pronta para ajudar no que fosse preciso. Sempre que Márcia abria os olhos, via o rosto de Maria.

Naquela noite, Márcia morreu. Pesava apenas 20 quilos.